

O RELATÓRIO KRUSCHEV: 60 ANOS

Paulo Timm - Porto Alegre - 25 fevereiro 2016

À memória de Luiz Paulo Pilla Vares, combativo jornalista portoalegrense que nos abriu os olhos para o marxismo crítico.

*

“a exigência de abandonar as ilusões sobre sua condição é a exigência de abandonar uma condição que necessita de ilusões”
(Karl Marx - 1844, em Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel)

“A força do Estado totalitário é tão grande que deixou de ser um meio, convertendo-se em objeto de admiração e êxtase místico , religioso.”

Vassili Grossman in “Vida e Destino”, pg226

“À minha frente estava o fim previsível de um caminho , um desastre de ressonâncias apocalípticas, mas , sobretudo, a ruína de uma casa, de uma cidade inteira, mas, sob de sonhos e vidas. (...) O pior era saber que, de alguma forma, o desaparecimento de Iván era também o do meu mundo e de tanta gente que partilhou nosso espaço e nosso tempo. (...) Porque o papel de Iván é ode representar a massa , a multidão condenada ano anonimato, e seu personagem funciona também como metáfora de uma geração e como o prosaico resultado de uma derrota histórica. (...) Cansaço histórico ou utopia pervertida?”

L. Padura (ultimas palavras- pg. 583-4 – Mantilla, Cuba) , in “O Homem que amava cachorros”.

“Estaline é demasiado rude e este defeito, que pode ser tolerada livremente em nosso meio e nos contatos entre nós, comunistas, se torna um vício que não pode ser tolerado em um exercício do cargo de Secretário-Geral. Devido a isso, proponho que os camaradas considerem o método pelo qual Stalin seria retirado esta posição e por outro homem, que seria escolhido para ele, um homem que, acima de tudo, que difira de Stalin, em apenas uma qualidade, ou seja, maior tolerância, maior lealdade, maior gentileza e atitude, mais atencioso para com os camaradas, um temperamento menos caprichosa, etc”

(V.I.Lênin – Testamento Político , transcrito no Relatório Krushchev -1956)

“Viva o maior gênio da humanidade, o Mestre, o Chefe que nos conduziu vitoriosamente para o comunismo , nosso querido Stalin”

Nikita Krushchev , ao término de discurso em março de 1939 – apud J.Semprum in “Um belo domingo” , Ed. Nova Fronteira, 1980 – apud Carlos IS. Azambuja em “As denúncias sobre os crimes de Stalin” – 09 .03.2006

Índice

Introdução

- 1. Os três momentos da consciência crítica no Brasil:
Ilustração aristocrática – Classes Médias – Mov.Populares**
- 2. O Relatório Krushchev – 1956**
- 3. Stalinismo x Anti-stalinismo: O desafio**

*

Introdução

***Para o conjunto das forças populares, coloca-se assim uma tarefa de amplo alcance: a luta para inverter essa tendência elitista ou “prussiana” da política brasileira e para eliminar suas conseqüências nas várias esferas do ser social brasileiro.
Carlos Nelson Coutinho in A democracia como valor universal.***

Estivesse vivo, Luiz Paulo Pilla Vares, jornalista, ativo militante comunista, crítico incansável do estalinismo, teria iniciado assim sua crônica do dia:

“Há exatos 60 anos ocorreu o 20º. Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Nikita Krushchev era o Secretário Geral do PC e leu, na ocasião, um documento que se tornou célebre por ter abalado o mundo inteiro”

Assim fez , quando o que viria a ser denominado Relatório Krushchev celebrou seu cinquentenário. Há dez justos anos:

“Nós do PT, de certa forma somos também resultado do esfacelamento parcial do regime stalinista em 1956, quando se abriram as perspectivas para o surgimento vigoroso de uma nova esquerda em escala internacional”.

Luis Paulo Pilla Varres – in **O Relatório que Assombrou o Mundo** -
<http://www.pilla.vares.nom.br/2006/relatori.htm> - 27/03/2006

Relembro-o e o homenageio com este pequeno estudo sobre o Stalinismo.

A denúncia dos crimes de Stalin não era inédita. Já tinha história. A grande cisão da social democracia europeia no início do século XX já prenunciava uma contestação severa ao modelo da revolução bolchevique, a qual, entretanto, acabaria se impondo depois de 1917 como o verdadeiro caminho da esquerda revolucionária. Mas logo abriria suas próprias fendas ideológicas. O Relatório Krushev, de 1956, as revelaria.

Leon Trotsky, um dos líderes da Revolução de 1917, ao lado de Lênin, assassinado no México em 1940 a mando do “Guia Genial dos Povos”, como os comunistas chamavam a Stalin, já escrevera várias obras sobre o caráter do regime soviético e de seu principal líder. Pagou caro: exílio e morte, numa trajetória muito bem reconstituída no instigante romance do cubano Leonardo Padura, “ O Homem que Amava Cachorros”. Outra ficção, mais original e sensível, porque escrita por um russo, durante os anos do reinado de Stalin, “Vida e Destino”, também vinda ao público brasileiro no ano passado, reitera o horror. Foram minhas leituras inesperadas e preferidas nos últimos tempos. Antes, porém, a publicação no Brasil, nos anos 60, da trilogia bio-histórica de Isaac Deutscher sobre Trotsky já me advertira para os tropeços do socialismo soviético.

A direita anticomunista não perderia, naturalmente, diante da evidência destes percalços, a oportunidade para expor as feridas do novo regime. Stephanie Courtois, diretor de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS – lançou, em 1997, uma coletânea de denúncias em “ O Livro Negro do Comunismo”, produzido graças à abertura dos arquivos da KGB, no qual aparece um inventário da repressão e martírios, incluindo a grande fome na URSS durante a fase do Comunismo de Guerra, entre 1917 e 1921, daí surgindo o número de 20 milhões de vítimas só na URSS:

Uma lista parcial mais detalhada de alguns crimes cometidos na União Soviética durante os regimes de [Lenin](#) e [Stalin](#) descritos no livro inclui:

- *As execuções de dezenas de milhares de reféns e prisioneiros e de centenas de milhares de operários e camponeses rebeldes entre [1918](#) e [1922](#).*
- *[A grande fome russa de 1921](#), que causou a morte de 5 milhões de pessoas.*
- *A deportação e o extermínio dos [cossacos do Rio Don](#) em [1920](#).*
- *O extermínio de dezenas de milhares em campos de concentração no período entre [1918](#) e [1930](#).*
- *O [Grande Expurgo](#), que acabou com a vida de 690 000 pessoas.*
 - *A deportação dos chamados "[kulaks](#)" entre [1930](#) e [1932](#).*

- O genocídio de 10 milhões de *ucranianos* - conhecido como "*Holodomor*" - e de 2 milhões de outros durante a fome de 1932 e 1933.
 - As deportações de *polacos*, *ucranianos*, *bálticos*, *moldavos* e *bessarábios* entre 1939 e 1941 e entre 1944 e 1945.
 - A deportação dos *alemães do Volga*.
 - A deportação dos *tártaros da Crimeia* em 1943.
 - A deportação dos *chechenos* em 1944.
 - A deportação dos *inguches* em 1944.
- (O_Livro_Negro_do_Comunismo)

Trotsky preconizava que isto tudo se deveria à degeneração termodinâmica da Revolução, reduzindo-a a uma variante de dominação burocrática. Coisa de gentes, não de processos. Não deu a Stalin, sequer o benefício do bonapartismo. Mas Trotsky era um leninista convicto, que jamais reconhecera os excessos da violência revolucionária, começando pela liquidação da Revolta dos marinheiros na Ilha Kronstad, em 1921. O Relatório Krushchev, mesmo sem qualquer análise do caráter do regime soviético, convalidava as denúncias de Trotsky e, abria, no seio do Movimento Comunista e do marxismo, uma nova fase de reflexões sobre os caminhos da Revolução. Aqui, duas posições:

Uma, rejeitaria as denúncias, justificando os malfeitos, senão pela necessidade, pela inevitabilidade da violência no sendeiro do credo ortodoxo do leninismo stalinista. Foi o caso da China Popular, que fizera a Revolução em 1949, e posteriormente da Albânia, sob o regime de Enver Hoxha, e de correntes a eles associados como os "rebeldes" que saíram do velho Partidão no Brasil, então sob a liderança de L.C. Prestes, para formar, em 1962, o PCdoB - de viva presença no cenário político brasileiro atual - e o odioso regime de PolPot no Camboja, à frente do Khmer Vermelho. A outra, claramente revisionista, que acabaria desembocando dentro da própria URSS na Glasnost de Gorbachev, produzindo, no fim, o colapso do comunismo naquele país em 1991, mas com reflexos, também nos Partidos Comunistas, na esquerda e no marxismo no mundo inteiro. Esta versão acabaria por se reencontrar com a renegada socialdemocracia nos anos 90. Aqui, contudo, logo depois do Relatório Krushchev, houve, também, uma dupla atitude: De um lado, que seria o caso do Partido Comunista Francês (e, em parte, do Partido Comunista Brasileiro – PCB -) passou-se a uma revisão mitigada, sem ruptura com os postulados revolucionários sintetizados na ideia da Ditadura do Proletariado. De outro lado, caso do Partido Comunista Italiano, que repercutiria sobremaneira no Brasil (e América Latina) depois dos anos 70, vindo a iluminar as lideranças do PT fortemente alimentadas pela Teologia da Libertação, acendeu-se um farol para futuras revisões, numa franca redefinição sobre a natureza do Partido - de massas e não de vanguarda -, e da conquista gradual do poder através do entendimento, embora vacilante, da democracia como valor universal. Na Europa Ocidental ambas vertentes acabam

convergindo, nos anos 70, para o que viria a ser conhecido como “eurocomunismo”, uma variante leninista soft de compatibilização da tradição comunista com as novas exigências da presença da esquerda numa Sociedade de Bem Estar, com sólidas instituições. Destaque-se, neste processo, a intensa fermentação do marxismo como filosofia crítica na França, desde a lealdade de J.P.Sartre aos ideais revolucionários, passando pelos vários grupos intelectuais de inspiração maoísta, trotskista, neomarxista e até pós-marxista, como Cornelius Cartoriadis, para quem a crítica ao estalinismo avançaria na condenação absoluta da URSS, apontando para a necessidade de revisão crítica de todo o aparato conceitual revolucionário acumulado no Século XX.

O Relatório Krushchev teve, portanto, para os comunistas, uma importância real e uma importância simbólica. Confrontou-os com História e não mais apenas com a Utopia. Daí sua atualidade, apesar de que as novas gerações se sintam já muito distanciadas, seja da Revolução de 1917, seja de seu significado para a construção de um mundo alternativo ao capitalismo. Ele foi o marco da inflexão que levaria à grande crise do marxismo como inspiração crítica dos movimentos populares e de libertação nacional. A doutrina, enquanto conjunto de prescrições à mudança, ficou cada vez mais balcanizada em Partidos tradicionais de vanguarda, ditos comunistas, ou tendências dentro de Partidos de Massas, como o PT, sem grande densidade intelectual e capacidade de avaliação de situações específicas sobre as quais atuam. A Filosofia, enquanto reflexão crítica, saiu dos Partidos Comunistas para instalar-se academicamente nas Universidades, desdobrando-se aí numa infinidade de tendências, uma delas, sectária, de mera reverberação da militância. Mas tem contribuído para o avanço da doutrina. De qualquer forma, é de se ressaltar que nas gerações anteriores aos anos 1980, no Brasil, quando a classe média ilustrada ainda detinha grande relevo na cena pública do país, dando a impressão de que se tratava de uma sociedade avançada e tolerante, o cultivo da tradição revolucionária, quer no estudos sobre Marx, quer no culto à Revolução de 1917 e suas realizações, quer na admiração à Grande Marcha na China ou à Revolução Cubana, era muito maior do que hoje. A emergência das classes populares à cidadania, ao mercado e, sobretudo, ao espaço público da palavra, mudou muito esse velho e simpático reinado de jovens rebeldes e bem educados. A esquerda perdeu em encanto o que ganhou em força bruta. O texto a seguir analisa este fenômeno, traz de volta os fantasmas da construção do socialismo na Rússia e conclama à uma problematização criativa das questões do socialismo como indispensável a abertura de caminhos à grande crise que se se avizinha.

Como sempre: “Socialismo ou Barbárie”, não mais nos moldes da tradição revolucionária, mas como construção de uma democracia cada vez mais sólida entre-nós. Como? Seguindo a última mensagem de Karl Marx à

humanidade em seu **modesto** leito de morte, em Londres, nos idos de 14 de março de 1883 : “Sejam críticos!”

1.Os três momentos da consciência crítica no Brasil

Tudo neste vasto mundo de Deus (e do diabo...- Vade Retro!!) é datado, até o Universo, à luz da verificação, há poucos dias, das ondas gravitacionais. Somos no tempo. Transitamos pela geografia. Entre este ser eterno e o estar efêmero, a nossa ansiedade. Medo da morte? Talvez. Galeano, sempiterno, morreu constatando essa voracidade insana do homem diante da História. Quer tudo no “seu tempo”. Dá errado...

Há tempo, portanto, para tudo e para todos. A Bíblia já sabia... Para a humanidade, para a civilização ocidental, para a modernidade europeia, para afirmação de uma consciência crítica no nosso país. Destaco-o para me situar, antes de falar no Relatório Krushchev, o qual, há 60 anos revelava ao mundo os crimes de Stalin, demarcando uma era de glorificação do “Guia Genial dos Povos” (pelo qual era designado Stalin pelos comunistas).

Dito Relatório, proferido secretamente, sem a presença de representantes do Movimento Comunista Internacional, no XIV Congresso do Partido Comunista da URSS, no dia 25 de fevereiro de 1956, por Nikita Krushchev, seu Secretário Geral, o mesmo acima citado (sic), deu início ao que ficou conhecido como “desestalinização” do mundo soviético e foi uma verdadeira comoção entre os comunistas do mundo inteiro. A primeira, certamente, de grandes proporções, mundiais, desde que Lênin assumira sua liderança moldando o marxismo como uma Teoria da Revolução. E que abriria a porteira para o questionamento não apenas de Stalin, mas do próprio leninismo e, em alguma parte, também do marxismo como filosofia crítica e instrumento de superação da ordem social instaurada com o capitalismo.

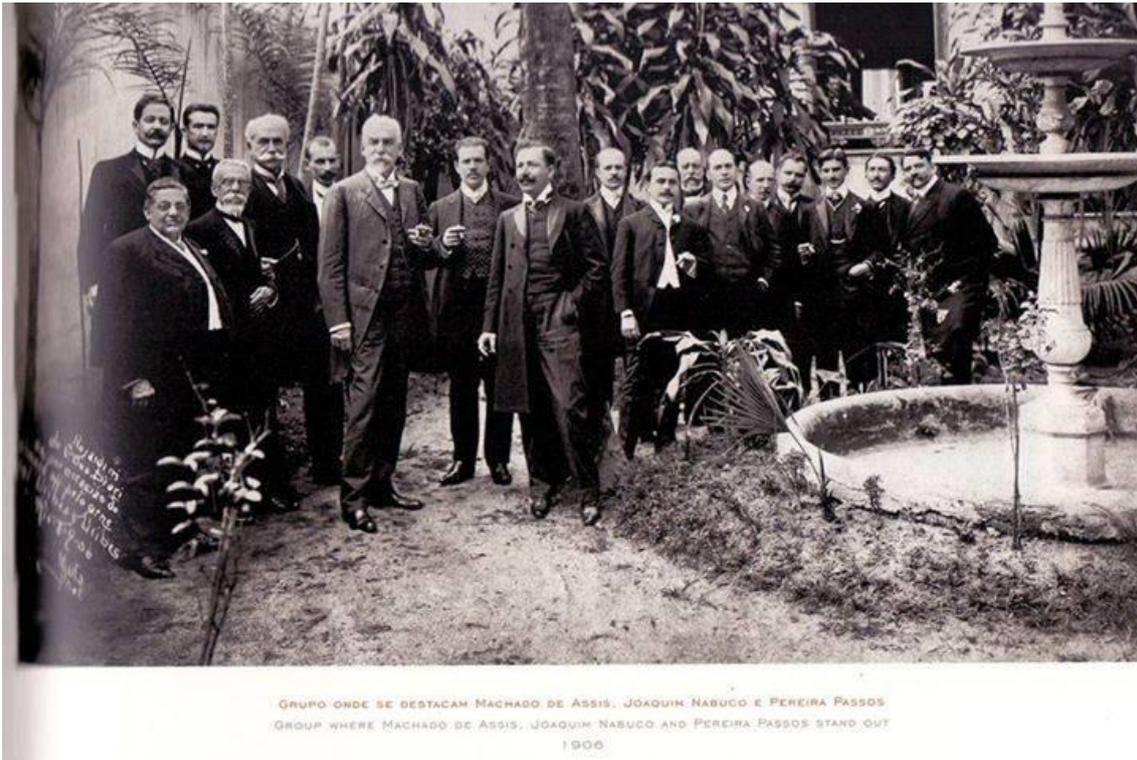
Mas começemos pelo Brasil, para compreender onde se insere este impacto e até para perceber porque ele perde importância com o tempo. Quem se importaria, hoje, no âmbito da esquerda, há 13 anos no Poder entre nós, em se ocupar deste fato. Não obstante, há dez anos, ainda que voz solitária, Luiz Paulo Pilla Vares, ainda o repercutia em artigo na Zero Hora. Explica-se: Pilla era um vigoroso intelectual marxista, militante histórico, crítico mordaz do estalinismo.

Vamos às três levas de rebeldia política no Brasil.

Percebo, desde o fim do Império, que sepultou a escravidão e abriu caminho para a República, três grandes gerações que sacudiram o Brasil, cada qual

expressando o tipo de desenvolvimento do país e a natureza específica de sua sociedade. Inspiro-me no famoso texto de Trotsky – 1789, 1848, 1905 -, que já não tenho em mãos, mas muito me marcou. A cada momento destas gerações, um tipo de urbanização, uma certa composição da população e um limite ao seu devir político. Em grandes linhas, tivemos no século que vai de 1889 a 1989, mudanças estruturais na nossa sociedade e que projetaram ondas de rebeldia e radicalização correspondentes. Não vou me aprofundar. Só sugerir. Porque estou, com minha geração dos anos 60 do século XX aí pelo meio, mais precisamente na geração do tenentismo, que expressou as aspirações da classe média na vida pública do país. Estas levas nem são estanques, nem muito menos claramente definidas. Entremesam-se uma na outra, confundem-se, mas, talvez seja ainda possível identificar-lhes a origem social e principais características.

Ao final do Império a grande demanda política era a Abolição e em torno dela reuniram-se os homens de consciência da Boa Sociedade daquele tempo. Nossa população era muito pequena, em torno de 10 milhões de habitantes, predominantemente rural, a sociedade aristocrática, centrada no Rio de Janeiro, então com menos de 1 milhão de habitantes e os grandes líderes eram homens – alguma mulher? - de extração privilegiada, cujo maior símbolo talvez tenha sido Joaquim Nabuco, ou o sugestivo personagem de Lima Barreto em “O triste fim de Policarpo Quaresma”. Tendemos a desmerecer a grande ebulição representada pelo Movimento Abolicionista e seu significado para a construção da democracia no País. Ela, mesmo centrada na aristocracia liberal, recrutou, é verdade, gente de toda a sociedade da época e deixou, como resultado principal, o que fora seu principal objetivo: O fim da escravidão. Lembrem-se que o Manifesto Comunista era de 1848 mas a Filosofia Crítica ainda tinha pouco curso no Brasil. É célebre uma crônica de Machado de Assis bastante irônica quanto às repercussões do marxismo naquelas sombras senhoriais e que receberia ácida crítica de [Octávio Brandão](#) pela ignorância que o escritor teria do [socialismo científico](#) de [Marx](#) e [Engels](#) – (KONDER, Leandro. *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, pp. 13-18). Mas ela já continha os germens da nova eclosão que seria abortada pela Proclamação da República.



Com efeito, abre-se, então, com o século XX uma era de grandes transformações estruturais no Brasil. A população urbana cresce, chegando a quase 40 milhões em 1930, e proporciona, graças ao café e primeiras indústrias uma grande diversificação social, somando-se ao Rio a moderna São Paulo, o país começa a se interligar, sendo importante registrar a construção da via férrea do Rio Grande do Sul até São Paulo em 1910, as demandas de modernização se exaltam na década de 20, com a Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista, as manifestações tenentistas que sacudiam das Areias de Copacabana às veredas do grande sertão. Qual sua demanda? Modernização do país, respeito às urnas, desenvolvimento e afirmação cultural. Esta onda, todos os estudos o demonstram, tinha um caráter clássico das classes médias emergentes, que não cabiam nos moldes da sociedade senhorial do “Bico de Pena”, herdada do Império. Culminou a radicalização com a Revolução de 1930 e se prolongou, mercê de seus espasmos, em 1935, 1945, 1954, 1964 até 1989, quando o país já era muito diferente de um século atrás, bastante ver seu peso na economia mundial, sua população concentrada em grandes metrópoles, sua secularização. Cumpriu-se, no que pretendeu: Preencher o grande vazio do gigante adormecido. Seria muito difícil identificar todo este longo período num nome, mas foi, certamente, Vargas, o símbolo maior desta fase, que teve na afirmação nacional, nas mudanças econômicas e nas expectativas de participação popular no processo político através de organização política própria, no caso o velho PTB, que operava como estuário dos comunistas e socialista, seus pontos focais, e daí a transferência do protagonismo aristocrático do personagem, típico do Império, para o coletivo. Não por acaso, Brizola, como herdeiro de Vargas, no epicentro

do trabalhismo, evidenciava o caráter das mudanças ocorridas no Brasil. Este processo, por muitos identificado como nacional-desenvolvimentista, tem um corte político de 1964 a 1985, mas não de natureza social e econômica. Até pelo colapso da resistência armada aos militares entre os anos 1968-1970, a facção mais radical ao nacional-desenvolvimentismo, a grande mobilização política do país retorna aos cânones liberais de demanda por democracia depois da acachapante vitória de 18 Senadores do MDB nas eleições de 1974. Reafirma-se, portanto, o caráter típico da classe média nas mobilizações sociais, muito embora já apontando para a emergência dos movimentos populares de base, sobretudo em São Paulo.



Revolução de 30 leva Vargas ao poder, onde permaneceu por 15 anos ...

acervo.oglobo.globo.com620 x 357Pesquisa por imagem

Getúlio Vargas, ao centro, posa com o alto comando da Revolução de 30 no Palácio do Catete Reprodução

https://www.google.com.br/search?q=vargas+na+revolu%C3%A7%C3%A3o+de+30&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjK9tiCnYLAhWlvZAKHexXB_kQAUIBygC#imgrc=EpkWSArGzsrB3M%3A

Foi neste âmbito da história do Brasil, sobretudo no pós-guerra, que se gestou a minha geração militante, marcada, internamente, primeiro (1945-64) pela hegemonia do trabalhismo como protagonista do progresso nacional e, depois (1964-89), na luta pela redemocratização; no plano internacional, pelo fascínio ideológico pelo marxismo, cuja maior realização fora a Revolução Bolchevique de 1917 e a construção do socialismo naquele país. A URSS havia tido um

papel importante, senão decisivo, na luta contra o nazi-fascismo, muitos considerando que a vitória em Stalingrado, em 1943, fora seu ponto de inflexão. Outras correntes, é claro, sobretudo católica, começavam, também, a participar de consciência crítica neste processo, mas não é meu objetivo aprofundar sobre isso. Desejo, apenas, mostrar que o Relatório Krushchev bateu de frente com uma geração ilustrada por bancos escolares ainda preclaros, extraída primordialmente das classes médias, moldada criticamente pelos Manuais da Academia de Ciências da URSS. Foi um choque. Ninguém queria acreditar na veracidade do que este Relatório dizia, chegando ao ponto de Valério Konder, um dos respeitados quadros do Partidão afirmar que era tudo “fofoca”, enquanto a imprensa do Partido o classificava de “provocação do imperialismo”. E quando, enfim, foi confirmado, com o retorno do observador brasileiro em Moscou, Diógenes Arruda, no mês de agosto, fez-se verdadeiro pânico, como assinala Frederico José Falcão:

Os líderes partidários esperariam o retorno da delegação brasileira enviada ao XX Congresso para um pronunciamento sobre os acontecimentos. O único dirigente que saíra do Brasil com esse fim, Diógenes Arruda, só retornaria ao Brasil em agosto, quando, então, reunir-se-ia o Pleno Ampliado do Comitê Central (C.C.) do PCB, tendo sido aí confirmado o conteúdo do Relatório Kruschev. Arruda, naquele momento, tentaria passar-se por crítico do stalinismo, mas sofreria uma saraivada de críticas. O Pleno acabaria suspenso, dado seu clima emocional, sendo convocada nova reunião para dois meses depois.

O “RELATÓRIO SECRETO” DE KRUSCHEV E O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB): DESESTALINIZAÇÃO E CRISE

<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Frederico%20Jose%20Falcao.pdf>

Depois de intensos debates e controvérsias impôs-se como necessária uma denominada “Carta Rolha”, de Luiz Carlos Prestes, líder incontestado do Partido, para estancar o que parecia um derradeiro liquidacionismo. Estes teriam sido dias, segundo Cristiane Nova e Jorge Nóvoa, seus biógrafos (1999), que até o endurecido Carlos Marighela chorou... Deste imbróglio todo acabaram se retirando do movimento comunista importantes quadros como Osvaldo Peralva, autor de “O Retrato”, um libelo não só contra o estalinismo, mas contra o comunismo. Outros, acompanhar-lhe-iam, seja na autocrítica ou no ataque frontal à “Velha Toupeira”, designação carinhosa dos comunistas à Revolução. A sangria perduraria até 1962 quando, enfim, se consolida a lealdade de Prestes com a URSS e do Partido com Prestes, mediante mudança nos Estatutos e alteração do nome para Partido Comunista Brasileiro, PCB, mais conhecido como “Partidão”, pelo peso que viria a ter na vida política do país, levando à ruptura dos “rebeldes”, que preferiram a lealdade com Stalin e que criariam em

18 de fevereiro de 1962 ,quando da V Conferência Nacional Extraordinária, a ruptura com a URSS através da restauração do nome original Partido Comunista do Brasil, sob a sigla PCdoB.. Dividia-se, pois, aqui, diante do Relatório Krushchev , irremediavelmente , o movimento comunista, tal como em outras partes do mundo, não como linha oficial versus dissidências, o que já ocorrera com a defecção de Trotsky, mas como caminhos distintos no processo revolucionário. A Revolução Cubana, em 1959, só acentuaria esta divisão, criando mais uma via revolucionária para o socialismo. Isaac Deutscher, historiador marxista, ressalta na década de 60 as três grandes inspirações à Revolução: Soviética, Chinesa e Cubana, todas *soit-dísantes* marxistas-leninistas.

Desde o seu surgimento, o PCdoB seguiu diversas linhas políticas baseadas em distintas experiências comunistas pelo mundo. Surgiu sendo contrário a linha adotada por Nikita Khrushchov na antiga União Soviética e reivindicando o legado de Josef Stalin^[12] . Nos anos 1960 adota a linha maoísta (alinhandose com o Partido Comunista Chinês) e passa a praticar a tática de guerrilhas (o PCdoB é famoso pela atuação na Guerrilha do Araguaia). Em 1978 passa a reivindicar o comunismo na Albânia (Hoxhaísmo). Atualmente, o PCdoB defende o desenvolvimento do capitalismo, como explica o governador do Maranhão Flávio Dino, primeiro governador pelo partido e cujo vice é do PSDB.^[13]

https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Comunista_do_Brasil

Das dissidências do marxismo, uma já havia derivado na social-democracia, que viria a ter significativa importância na construção do Estado de Bem Estar na Europa Ocidental e que se consubstanciava na linha reformista, não leninista, que via o Estado como um instrumento virtualmente disponível para transformações sociais; outra importante dissidência do marxismo, esta proclamando-se como verdadeira herdeira de seu ramo leninista, o trotskismo, viria a crescer enormemente diante da confirmação dos crimes de Stalin no Relatório Krushchev, principalmente na França, com repercussões no Brasil. Não vem ao caso, agora, explorá-las, apenas salientar que na França, cujo Partido Comunista era mais ortodoxo, abrir-se-á uma dissidência cada vez mais revisionista à URSS, extensiva aos postulados do marxismo-leninismo, em grupos como “Socialismo e Barbárie”, sob a liderança do Filósofo Cornelius Castoriadis, autor de *Encruzilhado do Labirinto 1, 2 e 3, Paz e Terra*, que acaba ultrapassando a crítica à burocracia soviética para uma crítica ao “capitalismo burocrático total”, lindeiro do totalitarismo. Já na Itália, a influência de A.Gramsci, bastante crítico ao leninismo original, permite ao grande Partido Comunista Italiano uma maior capacidade de absorção das dissidências e melhor sobrevivência ao impacto do Relatório Krushchev. Substitui a ideia do

Partido de Vanguarda pelo Partido de Classe mas com caráter de Massas e a estratégia do assalto ao poder pela de construção da hegemonia, de caráter muito mais amplo, pedagógico e permeável à lenta transformação do Estado e da Sociedade:

"Para o Partido Comunista, o problema de se converter no partido das grandes massas e, por conseguinte, partido do governo revolucionário, não consiste somente em resolver a questão de interpretar fielmente as aspirações populares, significa também resolver a questão de substituir os funcionários contra revolucionários por funcionários comunistas; significa por conseqüência, criar um corpo de funcionários comunistas, que sem impedimento, a diferença dos socialistas, sejam extremamente disciplinados e subordinados ao Congresso e ao Comitê Central do Partido. Desta verdade, pouco simpática aparentemente, devemos convencer nossos jovens; a realidade é como é, algo rebelde, e deve ser dominado com os meios adequados, ainda que pareçamos pouco revolucionários e pouco simpáticos. "

(Antonio Gramsci - Um Partido de Massas 25 de Setembro de 1921 1a Edição: "L'Ordine Nuovo" de 05 de outubro de 1921.

Não obstante, tanto o PCF como o PCI e mais ainda o Partido Comunista Espanhol acabam na década de 1970 configuram-se em torno do que denominaram "euro-comunismo", um *aggiornamento* destes Partidos às exigências das democracias ocidentais onde operavam, já claramente desvencilhados dos imperativos do leninismo.

Importa, sim, registrar que, ao longo dos anos 1930 até 1989, o Brasil mudou muito, econômica, social, espacial e politicamente, com a emergência de fortes movimentos sociais urbanos autônomos. Isso, contudo, isso não retirou do cenário onde se desenrolavam novos capítulos da nossa história seu caráter pequeno burguês, mesmo quando o radicalismo se expressava através de confissões manifestamente comunistas. Muito contribuiu, para tanto, o congelamento da vida pública, com sua seqüela de exílio, prisões, mortes seletivas, realizada pelo regime militar depois de 1964. Quando a efervescência social assomou, sob o abrigo do Governo João Goulart (1961-64), foi castrada pelo golpe militar. Os quadros da resistência, que se seguiram, viriam a ser majoritariamente de classe média, com todos os defeitos e vícios que isso implicava, mas que, hoje, segunda década do século XX, provoca reações como a da atriz Marieta Severo, que estranha o fato de que, antes, tinha-se a impressão de que a sociedade brasileira estava mais à vanguarda do que nos dias atuais. Ora, isso não é senão o resultado de que o país mudou muito nos últimos 20 ou 30 anos. Somos uma sociedade de massas, superior a 200 milhões de pessoas, concentradas em nove grandes regiões metropolitanas, mercê de um novo protagonismo das classes até então

subordinadas, cujo silêncio abria caminho para o cenário de uma consciência crítica elitizada.

Aqui, pois, o terceiro momento da vida pública brasileira: o pós- 89, já implícito nas grandes greves do ABC dez anos antes e que impulsionaria, no bojo do protagonismo crítico das grandes massas o jovem Lula.

1979/90 ABC da Greve Leon Hirzman - YouTube

▶ 1:25:44

<https://www.youtube.com/watch?v=2hhFk0cml6Y>

10 de dez de 2011 - Vídeo enviado por caovidaloca

Documentário de longa metragem sobre a primeira **greve** brasileira fora da fábrica. Cobrindo os .



Há 35 anos, uma greve

www.correiodobrasil.com.br635 x 357Pesquisa por imagem

O Sindicato dos Metalúrgicos sofreu intervenção, Lula e outros dirigentes sindicais foram presos

https://www.google.com.br/search?q=greves+abc+1979&biw=1366&bih=643&source=lms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifvIWFnI_LAhXETJAKHfoUBrIQ_AUIBygC#imgrc=JersyIDHjOXHoM%3A

Nesta fase, inaugurada simbolicamente em 1989, pela importância das primeiras eleições diretas à Presidência da República depois de 1959, ou seja, um interregno de 40 anos, sendo notável o fato de que Lula, candidato, ultrapassaria no pleito Leonel Brizola, a sociedade brasileira alcançava seu apogeu moderno: Concentração urbana, estrutura diversificada de classes com forte eixo no proletariado industrial, secularização, instituições democráticas. Isso tudo, acabaria mudando, também, o perfil da própria consciência crítica, a qual se deslocou das classes médias “iluminadas” pelo marxismo para os movimentos populares fortemente influenciados pela Igreja e por correntes reformistas. Não por acaso, o PT, como expressão política destas mudanças, vai assumindo cada vez mais influência sobre as esquerdas, acabando por impor-se hegemonicamente depois de vitória de Lula à Presidência, em 2002. Paradoxalmente, este deslocamento da consciência crítica para as classes populares não representou uma radicalização política, mas seu fortalecimento em termos de ação e representação. O PT, por exemplo, com todos seus vícios, sobretudo economicistas, foi, realmente, o primeiro partido político de quadros eminentes populares, muitos oriundos de lutas sindicais ou populares de bairros e movimentos sociais, nacionalmente organizado. Inédito. Isto não só é um patrimônio do conjunto da nação brasileira, mas um fator de institucionalização que dificulta aventuras e golpes institucionais.

Coincidiu este momento de emergência social no Brasil, que teria no PT e nos seus governos instantes importantes, a falência do dito “socialismo real”, na extinção da URSS, em 1991, último capítulo no rastro do Relatório Krushchev, de 1956, e a perda cada vez maior de importância do marxismo, sub-dividido numa infinidade de correntes, organizadas ou não, mas cada vez mais, “academizadas” em disciplinas universitárias ou reduzidas por fiéis crentes em cartilhas dogmáticas, sem qualquer peso na mobilização e aglutinação da resistência popular. Ambos fatores se combinaram para a desatualização do tema da Revolução, mesmo concebida com Mudança, nos moldes em que ficou conhecida no grande debate sobre a “Revolução Brasileira” entre os anos 1950 e 1960, vindo até a intitular vários livros, dentre eles o mais famoso e de maiores consequências, de autoria de Caio Prado Jr. Nesse contexto, o 60º. Aniversário do dito Relatório, acompanhado de uma discussão mais profunda sobre os fundamentos do estalinismo, passa, naturalmente, despercebido. Quem tem interesse nesse debate...? Poucos, talvez, como eu, alguns remanescentes desta “era”, que lemos sofregamente os dois grandes romances lançados em 2015 – Vida e Destino, de Vassili Grossman e O Homem que amava cachorros, de L. Padura -, ambos, com enredo principal na questão, justamente, do estalinismo...

2. O Relatório Krushchev – Moscou, 25 fevereiro 1956

“Necessário é dizer e pensar que só o ser é [...] Jamais se conseguirá provar que o não-ser é; afasta, portanto, o teu pensamento desta via de investigação, nem te deixes arrastar a ela pela múltipla experiência do hábito.”

(PARMENIDES apud BUZZI, 1998, p. 35)

(Integra: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2009/11/459652.shtml>)

“A história, nesse ínterim, torna-se estratégica e operacional, funcionando como instrumento do reformismo moderado de Kruschov, de caráter leninista. Era a hora de tomar as rédeas da história das revoluções russas. Ao tirar seu foco de um líder criminoso, inverter-se-iam seus pólos de ação novamente para uma direção “a várias mãos”. Em posição de inércia, as contradições que celebravam seu irreformável caráter de inflexibilidade, juntamente com o autoritarismo, seriam mantidas sob reformulações pontuais e importantes – ainda que insuficientes a longo prazo – para a imediata crise que se abatia no campo do antigo Império Russo. Stalin, contudo, não morrerá. Seu fantasma sobreviverá com o tempo, tornando-o exemplo máximo do paradoxal socialismo soviético cujas evidências de seu futuro colapso já se apresentavam.”

(**Chrystian Wilson Pereira**- Batalhas de memória no pós-guerra soviético: A controvérsia stalinista no relatório secreto de Nikita Khrushchov <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=420>)

As Revoluções Francesa de 1789 e a Bolchevique de 1917, que pretendeu completá-la, em suas últimas consequências sociais e políticas, estão cada vez distantes da juventude contemporânea. Para nós, nascidos durante a guerra, a Revolução Russa, sobretudo para os que iam se inclinando ao ganhar maturidade política à esquerda, era muito presente tanto como uma realidade palpável como mito: A Pátria Socialista! Na verdade, ambas Revoluções, Francesa e Russa, elas moldaram os séculos XIX e XX e projetam suas influências até hoje. Os que achavam que a História havia acabado, como sugeriu Fukuyama em “O Fim da História”, sobrando-lhe, apenas o destino de escolher entre os 50 tons de cinza, distante de polarizações, devem ficar espantados ao descobrir que as eleições americanas estão irremediavelmente polarizadas entre candidatos de direita e de esquerda, talvez até, entre o ultraconservador Donald Trump e o abertamente socialista E. Sanders. Somos sempre muito do que fomos no passado. Aquelas revoluções, impulsionadas por ideais iluministas de razão e liberdade, abriram a humanidade para os tempos modernos. Nos seus desdobramentos influenciaram correntes que priorizaram, ora a razão, em busca de uma sociedade mais igualitária, desembocando nas correntes de esquerda, ora a liberdade, em busca de uma sociedade conservadora, menos igual, mas com mais liberdade de movimentos

individuais. Ambas correntes, embora divergentes, até antagônicas na Guerra Fria (1947-1991) contribuíram para fazer do Século XX o século dos direitos, mediante os quais os membros de um Pacto Social garantem, em direitos civis, políticos e sociais, a contrapartida de seus deveres para com o Estado. Isso pode parecer um truísmo, hoje, mas Norberto Bobbio destaca como uma particularidade do contemporâneo.

A Revolução Soviética é filha deste processo e teve na filosofia marxista, filha rebelde do Iluminismo, sua inspiração teórica e em Lênin, líder do Partido Bolchevique, facção do Partido Social Democrata Russo, que teria no menchevique Leon Trotsky seu braço direito (e militar), o principal protagonista. Na Rússia miserável e rural, mas com vasto contingente proletário em torno de grandes fábricas nas suas principais cidades, devastada pela I Guerra Mundial, não foi difícil fazer a Revolução. O país estava destruído, a economia em frangalhos, o regime e o sistema de dominação em crise visível. O difícil foi garanti-la, tendo em vista seu significado revolucionário para o mundo inteiro: A eliminação física da Família Real e a eliminação social do Capital como forma de dominação. Um novo mundo proletário...

Lênin morreu em 1924 e, daí em diante, seguiu-se uma encarniçada luta pelo poder interno, afinal vencida por Stalin, um georgiano rude, identificado com Rússia interior e com incrível capacidade de controle político ao redor, começando pelo próprio Partido Comunista, denominação dada ainda por Lênin e que se estenderia aos adeptos do modelo russo em escala internacional, primeiro no COMINTERN, depois da Guerra no COMINFORM, este encerrado em 1957, ambos rigidamente controlados pelos russos. Conta Isaac Deutscher, historiador marxista, biógrafo de Trotsky, que em 1934, Stalin teria dado ao Congresso do PCUS naquele ano, o nome de “Congresso dos Vitoriosos”, eis que assumira o controle da máquina liquidando todas as oposições internas, sobretudo Trotsky, para o que fora necessário fuzilar a quase totalidade dos membros do Comitê Central que havia feito a Revolução de 1917. Trotsky escapara, exilando-se na Turquia, depois no México, onde viria a ser assassinado em 1940 por Ramon Mercador, a serviço de Stalin.

Uma alma pode sofrer por muito tempo, anos e anos, até décadas, antes que lentamente, pedra por pedra, construa sua própria sepultura, chegando por si própria ao sentimento de perda eterna, e curvando-se à própria realidade.

(Vassili Grossman in Vida e Destino , pg. 165)

Stalin governará até sua morte, em 1953, em circunstâncias ainda sombrias. Nos anos em que implantou o socialismo na Rússia foi um implacável tirano, não só com os inimigos, mas com os próprios companheiros que o cercavam no Partido. Mas no seu Governo, de “grandes feitos”, ele mudou a face da Rússia e conseguiu, na Luta Patriótica contra a invasão nazi, reverter o que

parecia uma vitória fácil de Hitler , em derrota: Os russos chegam a Berlim antes dos Aliados.

Coincidia com a gestão de Stalin a vitória dos soviéticos na Grande Guerra Patriótica contra a Alemanha Nazista (1941-1945) e um indiscutível desenvolvimento econômico que consolidara Moscou na posição de centro de uma emergente potência mundial, quase quatro décadas após a insurreição bolchevique e a subsequente instalação revolucionária de um inédito governo socialista e antiburguês. Os índices de crescimento atingiram impressionantes safras, impulsionados pela industrialização forçada e a eficácia do aparelho de controle e planejamento estatal que estrangulava as possíveis resistências ao modelo autoritário de modernização.

(Chrystian Wilson Pereira – citado)

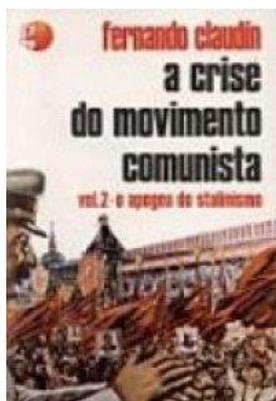
Isto deu ao grande Timoneiro e Genial Guia dos Povos, como era chamado Stalin, imensa credibilidade tanto interna, como externa, junto aos círculos do Movimento Comunista Internacional. Já no início da guerra, na verdade, em 1941, quando a Alemanha invadiu a URSS, Stalin detinha em suas mãos o Partido, o Exército Vermelho e todo o sistema soviético sob estrito controle, depois de duas levas de perseguições: Entre 1927 e 34, quando Trotsky foi expulso e, depois, no Grande Expurgo, entre 1937-38.. Externamente, porém, pouco se sabia do que ocorria na URSS até o Relatório Krushchev, de 1956, a despeito das obras de Trotsky – “A Revolução Desfigurada”, “ A Revolução Traída” e “Os crimes de Stalin”. O grande romance “Arquipélago Gulag”, de Soljenitzin, altamente crítico do regime soviético e que lhe daria o Prêmio Nobel de Literatura em 1970, além de estigmatizado pela esquerda por ser seu autor um místico anti-comunista, só viria a ser difundido no Ocidente depois desta data - *Arquipélago Gulag* (título no Brasil) ou *Arquipélago de Gulag* (título em Portugal) (1973–1978).

Contribuía para a glorificação de Stalin, um dos princípios da doutrina comunista, consagrada nos Partidos Comunistas do mundo inteiro, como “Internacionalismo Proletário”. Este apontava para a defesa intransigente da União Soviética anteposta à qualquer outra questão, mesmo nacional. Ora, a União Soviética era o Partido Comunista da União Soviética – PCUS - , e este era Stalin, numa réplica extemporânea de Luiz XVI que afirmava : L “Etat c ’est moi” . Portanto, “Ele” era o Grande Guia.

“Stalin era o Estado, e o Estado não tinha impulsos nem caprichos.”

Vassili Grossman in Vida e Destino , pg.849.

Com a derrota do nazismo, em 1945, tendo Stalin ao lado de Truman (Roosevelt morrera um pouco antes), e Churchill na reconstrução da democracia no mundo, o Movimento Comunista Internacional cresceu vertiginosamente. Os Partidos Comunistas da Europa, América Latina e Oriente explodiram em filiações. Cifras relevantes são apresentadas no livro do espanhol Fernando Claudin , “A Crise do Movimento Comunista – O Apogeu do Stalinismo ” Volume 2, Ed. Global, 2015:



A Crise do Movimento Comunista- Vol. 2: o Apogeu do Stalinismo
Fernando Claudín - Editora: Global Ano: 1986

Este volume corresponde a segunda parte de A Crise do Movimento Comunista ("O Apogeu do Stalinismo"), onde Claudín analisa o período que marca a absoluta dominação da política stalinista em todo o movimento comunista internacional, desde os anos imediatamente anteriores a eclosão da Segunda Guerra Mundial, com o pacto germano-soviético, passando por todos os acontecimentos da resistência ao nazi-fascismo, o "cisma iugoslavo", e culminando com o período do pós-guerra, com o abandono e o fechamento do Komintern e sua transformação no Kominform, no auge da guerra fria.

<http://baixar-livro-gratis.com/?p=228375>

Em 1953, por ocasião da morte de Stalin e mesmo até final da década, quando, então, o Relatório Krushchev de 1956 tornou-se bastante conhecido, vivia-se um verdadeiro auge da nobre causa da emancipação da humanidade, sob a égide dos Partidos Comunistas, que lutavam pela paz e pela prosperidade dos povos de todo o mundo. Foi neste clímax que sobreveio a tempestade das denúncias dos crimes de Stalin no XX Congresso do PCUS. Fez-se, subitamente, muita luz e começaram a evidenciar-se os problemas internos da URSS, muitos deles decorrentes da personalidade de Stalin, outros, da própria construção do socialismo: a coletivização forçada da terra, os gulags, a censura cultural, o terror usado como instrumento de postos, valores e mesmo gratificações na estrutura burocrática, etc.

O cenário da proclamação a portas fechadas de Krushchev foi imaginado por Semprum (cit.):

Podemos imaginar a cena, sem dúvida.

Nikita Krushev já estava na tribuna. Martelava suas frases. Gritava, por momentos, e sua voz tremia nos agudos. Despejava verdades monstruosas umas depois das outras. Mas essa voz aterrorizante que descobria a náusea da memória de todos, não era, desta vez, a voz didática e monótona de um Pai todo-poderoso e remoto, inacessível. Era a própria voz de todos ali. Nikita Sergheievitch era um deles e as centenas de homens e mulheres reunidos nessa ocasião sinistra e solene podiam identificar-se com ele. Como ele, haviam contribuído para derrotar todas as oposições.

Como ele, haviam derrotado o próprio partido. Como ele, haviam cantado louvores a Stalin. Muitos deles, sem dúvida, haviam assistido ao XVII Congresso do PCUS, em março de 1939. Lembravam-se, talvez, de que Krushev já havia subido à tribuna, no dia 13 de março de 1939, para falar nos sucessos do comunismo na Ucrânia. Talvez se lembrassem das palavras de Nikita Sergheievitch, naquele dia longínquo de 1939, no momento exato em que a guerra na Espanha terminava em sangue, derrota e confusão, por causa, principalmente, da nefasta política de Stalin, cegamente posta em prática pelos conselheiros do Komintern e pelo grupo dirigente do Partido Comunista Espanhol. “Esses sucessos não se produziram espontaneamente”, declarara Krushev no XVIII Congresso, “foram conquistados no combate contra os inimigos da classe operária e dos camponeses, contra os inimigos de todo o nosso povo, na luta contra os agentes dos serviços de espionagem fascistas, contra os trotskistas, os bukharinistas e os nacionalistas burgueses”. Lembravam-se, talvez, pelo menos alguns deles, da conclusão do discurso de Krushev em março de 1939: “Viva o maior gênio da humanidade, o Mestre, o Chefe que nos conduziu vitoriosamente para o comunismo, nosso querido Stalin!”

Eles se lembravam do querido Stalin, sem dúvida. Tremiam, ainda, retrospectivamente, com um horror respeitoso e tímido”.

Semprum tem razão no seu cenário recriado do “Beau Dimanche”. Lá estavam sentados não jovens renovadores do sistema soviético, mas velhos cúmplices de Stalin. Segundo relato de Aristov, citado por Seprum na obra acima citada, 79,7% dos delegados presentes tinha mais de 40 anos, dos quais 55,7% , ou seja, a maioria, tinha entre 40 e 50 anos, e 24% mais de 50% , deixando patente que apenas uns poucos tinham em torno de 20 anos quando do Grande Expurgo de 1937-38, a grande parte o vivenciou em plena maturidade. De todos os delegados, 70% havia aderido ao Partido depois de 1931. Foram, pois, cúmplices da chacina sobre seus próprios camaradas. Como ele próprio, Semprum, diz, o terror não era para eles algo pré-histórico, mas palpável, doendo-lhes, por certo, na consciência.

Estavam lá, portanto, na grande sala do Kremlin, silenciosos, abatidos, alguns perdendo os sentidos, outros chorando lágrimas de sangue ao escutar o relatório atribuído a Krushev.

Estavam lá os homens e as mulheres que haviam aderido ao partido de Stalin, para preencher os vazios abertos por ele com o ferro em brasa da repressão.

Estavam lá os homens e as mulheres que haviam ajudado Stalin a estabelecer o seu poder absoluto, no sentido literal do termo, isto é, absolutamente independente de toda determinação, mesmo em última instância (oh, íntegros doutores da fé marxista), pela economia, pelas estruturas de classe da nova sociedade russa.

Pois poder pessoal de Stalin foi, sem dúvida, um dos instrumentos dados à nova classe dominante para instaurar o seu domínio – se me perdoarem esta expressão contemporânea, cortando rente os tecidos sociais, na multiplicidade heterogênea dos fatores históricos, pois é evidente que a classe é um conceito mais ou menos operacional, e que os conceitos, mesmo os mais operacionais, não se apossam de nenhum instrumento e não instauram nenhuma dominação a não ser para a necessária, não é preciso dizer, reconstrução histórica, pelos homens, de sua própria história mas, tendo dito isso, repitamos que o poder pessoal de Stalin, instrumento da nova classe dominante, tornou-o relativamente autônomo no final dos anos 30.

E o sinal mais evidente dessa autonomia foi a capacidade de desencadear contra essa burocracia, da qual ele mesmo se originou e a qual representou durante um período histórico, a repressão pelo sistema de ondas sucessivas e ininterruptas de terror, não somente a submissão devota da burocracia mas também a mobilidade social no interior da mesma, pela destruição e reconstituição permanentes e disfuncionais da elite.

(J.Semprum, cit)

O Relatório era imenso, mais de 70 páginas e só seria conhecido na íntegra pelos russos em 1989, em tempo da Glasnost de Gorbachev. . Fora antecedido por um estudo da Comissão Chvernik, criada pelo Partido em 31 de janeiro de 1955 com o objetivo de investigar a repressão contra os delegados ao Congresso do Partido em 1934. Este estudo mostrou que no Grande Expurgo de 1938-9 mais de um milhão de militantes do PCUS haviam sido acusados de atividades “anti-soviéticas” , dos quais, em torno de 600.000 haviam sido executados. Um horror! Genocídio de comunistas por comunistas...

O Relatório Krushchev, que era para ser secreto, acabou vazando para o Ocidente por John Rettie, da Reuters, numa sequência rocambolesca de traslados e traições. Em 13 de maio do mesmo ano chegou a Israel que o repassou aos Estados Unidos sendo, então, publicado pelo New York Times e

pelo The Guardian. Pouco antes, em 05 de março de 1956 o Presidium do PCUS ordenou que o Relatório fosse lido em todos os níveis partidários e nas instâncias do Komsomol. Logo depois, ainda em 1956, foi distribuído aos Partidos Comunistas do Pacto de Varsóvia, estendendo-se daí para os demais membros do Movimento Comunista Internacional. Quando encerrou-se o ano de 1956, o Relatório era fartamente conhecido.

A estrutura do Relatório era didática, começando pela reverberação das máximas do marxismo-leninismo aos quais enaltece e se filia, com breves menções ao testamento de Lênin e de sua mulher Krupskaja sobre o caráter ameaçador de Stalin. Centra-se na questão do culto à personalidade de Stalin.

No momento, estamos preocupados com uma questão que tem imensa importância para o partido agora e no futuro - a forma como o culto da pessoa de Stalin foi crescendo gradualmente, o culto que se transformou em um determinado estágio específico, a fonte de um conjunto de perversões extremamente sérias e graves dos princípios do Partido, da democracia partidária, da legalidade revolucionária.

(Relatório, 1956)

A partir daí vai mostrando como se alastrou o uso de seu nome – Stalin- em todos os campos, desde nomes de cidades até a arte, e do abuso da violência, em detrimento do método leninista de convencer e educar, citando como exemplos:

-criação de provas falsas para acusar seus inimigos

-exagero de seu papel durante a Grande Guerra Patriótica

-Deportação das nacionalidade

-Complô dos médicos

“ *Stalin descartou o método leninista de convencer e educar, ele abandonou o método de luta ideológica em favor da violência, repressões em massa e terror.* ”

“ *... É claro que Stalin mostrou em toda uma série de casos sua intolerância, sua brutalidade e seu abuso de poder. Em vez de provar sua correção política e mobilizar as massas, muitas vezes ele escolheu o caminho da repressão e aniquilação física, não só contra os inimigos reais, mas também contra as pessoas que não tinham cometido qualquer crime contra o partido e o governo soviético. Aqui vemos nenhuma sabedoria, mas apenas uma* ”

demonstração da força brutal que outrora tão alarmou [Lenin](#).

(Trechos do Relatório Krushchev)

O resultado imediato do Relatório Krushchev na URSS foi um rápido processo de desestalinização, através do qual todos os signos e vestígios do Grande Timoneiro passaram a ser apagados. Seus restos mortais, inclusive, foram removidos da Praça Vermelha. Do ponto de vista político, a retórica sempre foi mais presente do que aquilo que pretendia, prioritariamente, (re)criar, na esteira do leninismo: Maior presença coletiva no processo decisório interno do Partido e do Estado. Prestes, aliás, na discussão interna do Partidão, quando da deflagração do debate em torno do Relatório Krushchev advertia que isso já vinha ocorrendo na URSS desde um ano antes, embora num ritmo lento. Na verdade, apesar de algum arejamento interno à URSS, o Estado burocrático e policial subsistiria ainda por mais algumas décadas.

A denúncia é política e ideológica: a reformulação histórica pretende tornar protagonistas da construção do socialismo soviético o povo, as lideranças plurais, intelectuais e atores do Partido; o coletivo (re)habilita-se como grande responsável pelo processo revolucionário. A história, nesse ínterim, torna-se estratégica e operacional, funcionando como instrumento do reformismo moderado de Khrushchov, de caráter leninista. Era a hora de tomar as rédeas da história das revoluções russas. Ao tirar seu foco de um líder criminoso, inverter-se-iam seus pólos de ação novamente para uma direção “a várias mãos”. Em posição de inércia, as contradições que celebravam seu irreformável caráter de inflexibilidade, juntamente com o autoritarismo, seriam mantidas sob reformulações pontuais e importantes – ainda que insuficientes a longo prazo – para a imediata crise que se abatia no campo do antigo Império Russo. Stalin, contudo, não morreria. Seu fantasma sobreviveria com o tempo, tornando-o exemplo máximo do paradoxal socialismo soviético cujas evidências de seu futuro colapso já se apresentavam.

(Chrystian Wilson Pereira, citado)

Lentamente, porém, depois do Relatório Krushchev a URSS, sem perder totalmente seu papel na sustentação geopolítica mundial, no contexto da Guerra Fria, através do apoio aos Movimentos de Libertação Nacional, em várias partes do mundo, desloca este papel de coordenadora da Revolução em escala mundial para o de competidora com o Ocidente, no qual a colocação

do Sputnik no ar, em 1957, e a corrida espacial cumpriria importante papel. Daí o fechamento oficial do Kominform:

O **Cominform** ou **Kominform** (em russo: Коминформ, abreviatura de Информационное Бюро Коммунистических и Рабочих Партий, transl. Informativnoye Bjuro Kommunističeskich i Rabočich Partij; em português: "Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários") é o **acrônimo** usual para designar a organização internacional liderada pelo **PCUS** e cujo objetivo era promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários **partidos comunistas** da Europa. De fato, o Cominform serviria como instrumento de **política externa** da **URSS**. Possuía seu próprio **jornal** (cujo título, em português, significava: *Pela Paz Duradoura, pela Democracia Popular!*) e encorajava a unidade dos partidos comunistas do mundo.

A criação da organização foi anunciada em **5 de outubro de 1947**,^{[1] [2] [3]} poucos dias depois da conferência dos partidos comunistas europeus, realizada entre 22 e 27 de setembro, em **Szklarska Poręba**, na **Baixa Silésia polonesa**. O encontro havia sido convocado por **Stalin**, para resolver divergências entre os governos do **Leste Europeu** quanto a comparecer ou não à conferência do **Plano Marshall**, em **Paris**, em julho de 1947. Na época, a maioria dos observadores ocidentais considerou a nova organização como a sucessora da Comintern, a **Terceira Internacional** ou **Internacional Comunista**, criada em 1919 e dissolvida pela URSS em **1943**, em um esforço dos soviéticos para tranquilizar seus aliados ocasionais na **Guerra** - os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.^[4]

Inicialmente, o Cominform estabeleceu-se em **Belgrado**. Mas, após a exclusão da **Iugoslávia** da esfera soviética, em junho de **1948**, a sede da organização foi transferida para **Bucareste**. A expulsão da Iugoslávia por acusação de **titoísmo** iniciou o período do **Informbiro** na história iugoslava.

O Cominform entrou em declínio depois de 1948, à medida que outros partidos comunistas, como o **PCI**, passaram também a questionar o controle do **PCUS**.

Afinal, a organização foi oficialmente dissolvida em **1956**, já no período da **desestalinização** promovida por **Khrushchov**, quando a URSS voltou a se aproximar da Iugoslávia.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cominform>)

Perdia, portanto, a URSS, vigor ideológico, na luta política, reflexo da crise moral derivada da publicidade das atrocidades stalinistas, mas fortalecia-se como um realidade sensível, capaz de oferecer um horizonte de progresso continuado e redistribuído para a humanidade. Isto impediu, em parte, o esfacelamento total do movimento comunista internacional. J.P. Sartre, na

França e Eric Hobsbawn, na Inglaterra, que classificaria os anos posteriores ao Relatório como “Anos Dourados”, ficaram como expressões dessa resistência crítica, porém leal ao socialismo real. Ou, como sentenciou, certa vez, Herbert Marcuse no seu opúsculo “Sobre o Caráter Afirmativo da Cultura” , Ed. Paz e Terra, Coleção Leitura, 2001, pg. 41:

“Onde o espírito precisa condenar, a alma ainda pode compreender...”

3. Stalinismo x Anti-stalinismo: O desafio

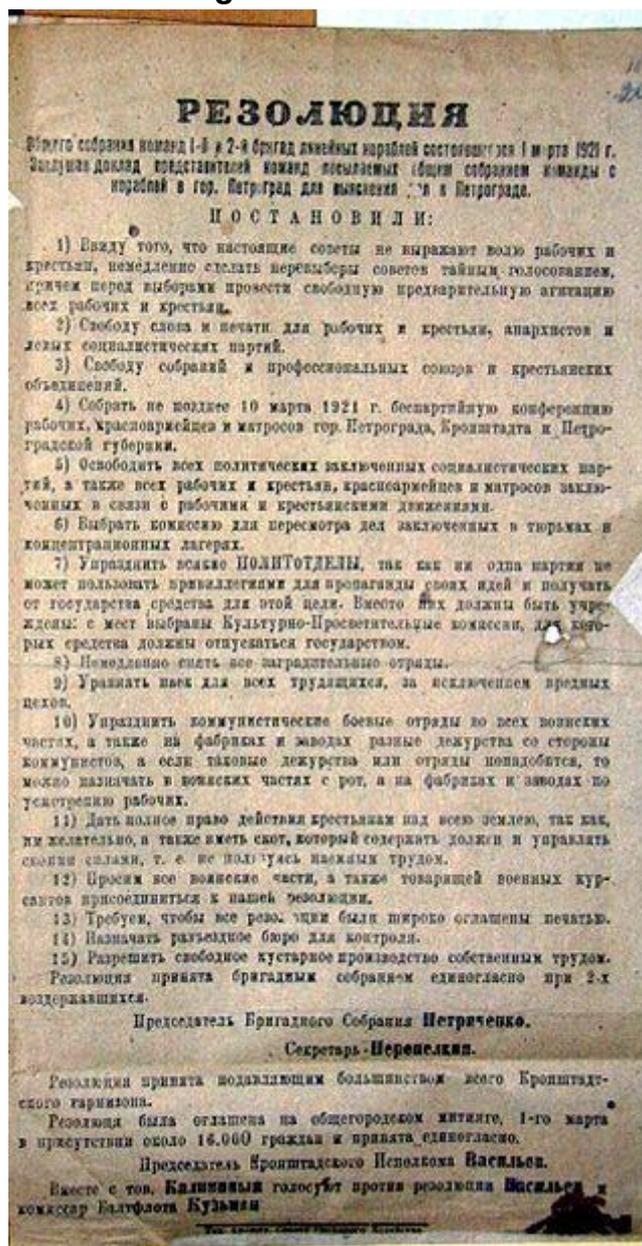
“Do ponto de vista das mudanças, em certa medida, ocorreu um processo tanto paralelo como inverso ao ocorrido no pós-Lenin da década de 1920. Assumiu o poder um setor da estatocracia mais inclinado à abertura, preocupado com as necessidades sociais do povo, com uma certa inclinação populista. [...] Mas as bases do sistema do ordeno e mando – monolítico e monopolista – não foram colocados em xeque por N. Khrushchov ao longo do processo de desestalinização. Por algum motivo, a maior parte da estatocracia apoiara o processo da década de 1950. O sistema possuía uma desmedida fora de inércia, em grande medida devida aos êxitos obtidos na época da centralização necessária dos recursos, da industrialização, da reconstrução e obtenção do equilíbrio militar, e um poderoso corpo de defensores. [...] Confrontada com estas múltiplas variantes, a estatocracia escolheu e impôs o pior: prosseguir sem mudar.”

(Kiva Maidanik p. 24, 1998 apud

Chrystian Wilson Pereira in Batalhas de memória no pós-guerra soviético: A controvérsia stalinista no relatório secreto de Nikita Khrushchov

Já falei um pouco sobre as repercussões do Relatório Krushchev sobre o Movimento Comunista Internacional. Trata-se, agora, de tentar problematizar estas repercussões, ou seja, compreendê-las mais além de uma série de deslizes e crimes, mas como resultado de processos que os envolvem. Vale dizer: situá-los. O crime pode até ser natural, mas não o seu culto. Para impedi-lo, o cultivo da virtude. O mal anunciado no Relatório Krushchev, enfim, ganhou um rosto, humano, chamado Stalin, mas nunca o mal é apenas de um homem só. Roma não foram seus Imperadores, ainda que eles assim se imaginassem. O nazismo não foi apenas Hitler. O mal histórico é coletivo e, neste sentido, político e em o sendo, tem suas origens em antecedentes morais e intelectuais que a inspiraram. É a desordem intelectual que conduz à catástrofe moral. Estaria no leninismo? Ou no marxismo? Ou nas distorções do marxismo soviético militante positivado em cartilhas da Academia de Ciências da URSS? A inocência do sonho socialista não morreu, na verdade e apenas, com Stalin. Vários assassinatos o foram vitimando desde a tomada do Poder em 1917. A primeira morte foi o massacre em massa, em 1921, num número incerto entre 1.500 e 10 mil marinheiros da Fortaleza da Ilha Kronstadt. Eles se revoltaram contra o Governo de Lênin, exigindo o cumprimento da consigna de Pão e Liberdade. Daí, outras e sucessivas mortes...

As exigências de Kronstadt



As exigências aprovadas na reunião dos marinheiros de Kronstadt no dia 28 de fevereiro, semelhantes em alguns pontos às exigências feitas pelos mencheviques em Petrogrado,^[56] foram as seguintes:^{[57] [58] [59]}

1. Novas eleições imediatas para os soviets. Os presentes soviets não mais expressam os desejos dos trabalhadores e camponeses. As novas eleições devem ocorrer sob voto secreto, e devem ser precedidas de livre propaganda eleitoral;
2. Liberdade de expressão e de imprensa para trabalhadores e camponeses, para os anarquistas, e para partidos socialistas de esquerda;

3. *Direito à reunião, e liberdade para sindicatos e organizações camponesas;*
4. *A organização, no mais tardar até o dia 10 de março de 1921, de uma conferência de trabalhadores, soldados e marinheiros de Petrogrado, Kronstadt e do distrito de Petrogrado não militantes do Partido;*
5. *A libertação de todos os presos políticos anarquistas e dos partidos socialistas, e de todos os trabalhadores, camponeses, soldados e marinheiros militantes de organizações operárias e camponesas então presos;*
6. *A eleição de uma comissão para estudar os dossiês de todos os detidos em prisões e campos de concentração;*
7. *A abolição de todas as seções políticas dentro das forças armadas. Nenhum partido político deve ter privilégios para a propagação de suas ideias, ou receber subsídios do Estado para este fim. No lugar de seções políticas vários grupos culturais devem ser criados, tomando recursos do Estado;*
8. *A abolição imediata das barreiras militares criadas entre as cidades e o campo;*
9. *A isonomia de rações para todos os trabalhadores, exceto para os que executam funções perigosas ou insalubres;*
10. *A abolição dos destacamentos de combate do Partido em todos os grupos militares. A abolição dos guardas do Partido nas fábricas e empresas. Se guardas fazem-se necessários, eles devem ser nomeados, levando-se em consideração as opiniões dos trabalhadores;*
11. *A concessão aos camponeses de liberdade de ação sobre seu próprio solo, e do direito de possuir gado, contanto que sejam diretamente responsáveis por aqueles e que não utilizem mão de obra assalariada;*
12. *Nós pedimos que todas as unidades militares e grupos de cadetes aspirantes se juntem a esta resolução;*
13. *Nós exigimos que a imprensa dê publicidade adequada a esta resolução;*
14. *Nós exigimos a instituição de grupos de controle operário móveis;*
15. *Nós exigimos que a produção artesanal seja autorizada desde que não utilize mão de obra assalariada.*

https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_de_Kronstadt

A Revolta do Kronstadt foi esmagada, fato que consumiria explicações e justificações de Trotsky, então no comando do implacável Exército Vermelho, até sua morte, em 1940. Continuou acreditando que agira certo, mas a verdade fez-se filha do tempo e o condenou: **"Estas boas pessoas não têm a mínima**

compreensão do critério e os métodos de investigação científica. Citam os programas dos insurgentes como pregadores devotos citando as sagradas escrituras. Se queixam de que não tomamos em consideração os 'documentos', quer dizer, o evangelho de Makhno e os outros apóstolos. 'Considerar' documentos não significa tomar-los ao pé da letra. Marx disse que é impossível julgar partidos ou povos pelo que eles dizem de si mesmos. As características de um partido se determinam consideravelmente mais por sua composição social, seu passado, sua relação com as diferentes classes e estamentos que por suas declarações orais e escritas, especialmente durante um momento crítico de guerra civil. Se por exemplo, começarmos a tomar como ouro puro os inumeráveis programas de Negrín, Companys, García Oliver e cia., teríamos que reconhecer a estes cavalheiros como amigos fervorosos do socialismo. Porém, na realidade são seus pérfidos inimigos."

(Trotsky, 'Muito barulho por Kronstadt' -

<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/09/262322.shtml>)

Os revoltosos foram liquidados, mas ficou a ferida narcísica da promessa de felicidade , apoiada numa razão dialética positiva, incapaz de passar pelo sentimento de justiça. Esta questão – Sentimento! - advertida como problemática, já no Sec.XVIII por um filósofo pouco conhecido, mas certo, que iria se confrontar com o grande Emmanuel Kant persistiu na Filosofia: Friedrich Heinrich Jacobi – 1743 – 1819 - [Alemanha](#). Acreditava que o pensamento e a dedução seriam maus caminhos para a verdade, preferindo a intuição e o sentimento. Aí começava a pista que viria a contestar um dos pilares da filosofia ocidental fundado na supremacia de um sujeito consciente capaz de legislar sobre seu destino. Veio a instruir as correntes espiritualistas posteriores, e foi retomada com firmeza no século XX por Filósofos críticos como Teodor Adorno, Franz Rosenzweig e, sobretudo, Emmanuel Levinas, no rastro da decepção com uma razão instrumentalizada, já percebida desde Nietzsche até chegar a estes novos filósofos do século XX, passando pela Escola de Frankfurt :

“Assim, desvelar o sentido da política é pôr às claras que a política visa sempre a um fim que, na verdade é seu fim. Ora , o fim da política é o fim da ação do sujeito ético na presença de um sentido que se dá à Alteridade como o seu princípio e fundamento.

(José André da Costa in *Ética e Política em Levinas* – Ed. Fibe, P.Fundo, 2013, pg. 127)

Esta posituação do marxismo, que se converteria no credo do “Marxismo Soviético”, título de um importante livro de H.Marcuse – (Ed. Saga 1969), foi uma verdadeira catástrofe para o próprio marxismo. A obra de T. Adorno em seu livro *Dialética Negativa* procura revertê-la para o leito original, para daí, pensa-la criticamente.

Marxismo soviético



<http://marxrevisitado.blogspot.com.br/2011/05/marxismo-sovietico.html>

Leandro Konder, em seu último livro – “Em torno de Marx” – comenta a irritação dos militantes comunistas com o livro de Marcuse que levantava a tese que o marxismo ao invés de transformar a URSS fora transformado por ela. Algo semelhante ao marxismo chinês de nossos dias. Tudo leva a crer que a reflexão de Moíse Postone de que as tentativas de substituir o capitalismo pelo socialismo sucumbiram graças à manutenção do sistema de produção capitalista. Tai a China para validar a tese. Vale a pena a leitura do texto de Konder.

“ O “marxismo” oficialmente adotado pelos partidos comunistas e pela União Soviética encastelava-se em Formulas ideológicas desgastadas, envelhecidas. No livro “O marxismo soviético”, Marcuse dizia que o marxismo, em vez de transformar a realidade socioeconômica existente na URSS, fora transformado por ela e se tornara uma ideologia de legitimação de uma vasta organização estatal e de uma complexa máquina político-partidária. Por sua falta de vigor crítico, tornava-se cúmplice do sistema capitalista contra o qual havia sido criado.”

Tal como o Positivismo de Comte, o marxismo ortodoxo, de inspiração soviética, acabou abandonando o idealismo racional, original, de Hegel.

O certo é que, além da liquidação dos revoltosos, o próprio Lênin, depois disso, endureceu o regime proibindo a existência de outros Partidos e fazendo a célebre afirmação de que os socialistas que não o seguissem abandonassem o país. Não obstante, teve a clara percepção, com a revolta, de que a Política do Comunismo de Guerra se esgotara, dando a grande virada em direção à Nova Política Econômica – NEP -, de forma a reconstituir minimamente a economia nacional abalada pela desorganização, desabastecimento e fome generalizados.

O advir, enfim, nunca é uma dedução fria da Lei ou fatal dos acontecimentos, mesmo numa Revolução. Para tanto, aliás, é importante conceituar “acontecimento” como irrupção de uma singularidade única e aguda no lugar e no momento de sua produção”(Foucault, 1972:79) e perceber o advir como uma possibilidade do sujeito, aberta à criação histórica e cuja recriação podemos e devemos, sempre, avaliar. Tal foi o Kronstadt.

Esse sujeito, a subjetividade humana, é caracterizado pela reflexividade, algo distante do mero espírito, dedução ou pensamento, e pela vontade ou capacidade de ação deliberada. Sem este sujeito, claro, a moralidade se esvai. Ele, o sujeito, “é” em sociedade e sem esta sociedade, nem teria sentido falar em moralidade. Como existia a sociedade russa, o imperativo moral era indispensável à construção do socialismo. Mas os dirigentes soviéticos preferiram obviar estas considerações, assassinando, neste processo não apenas inimigos internos ou externos ao processo revolucionário, mas as próprias bases filosóficas que os sustentavam na redução do marxismo crítico ao positivismo: A “Derrota de Dialética”, como afirmou Leandro Konder, em livro com este título – Ed.Campus, 1988, RJ.

EM MEMÓRIA DA INSURREIÇÃO DE KRONSTADT

Nestor Makhno

<http://www.nestormakhno.info/portuguese/kronstadt.htm>

O dia 7 de Março é uma jornada de pesar para os trabalhadores da dita "União das Repúblicas Soviéticas e Socialistas", que participaram de uma ou de outra forma nos acontecimentos desse dia em Kronstadt. A sua comemoração é igualmente dolorosa para os trabalhadores de todos os países, pois recorda o que os operários e marinheiros livres de Kronstadt exigiram do carrasco

vermelho, o "Partido Comunista Russo" e do seu instrumento, o governo soviético, que estavam assassinando a revolução russa.

Kronstadt exigiu destes bandidos estatistas a restituição de tudo o que pertencia aos trabalhadores das cidades e dos campos, tendo sido eles a fazer a revolução. Os proletários de Kronstadt exigiram que fossem postos em prática os princípios da revolução de Outubro: **"Eleição livre dos soviets, liberdade de expressão e de imprensa para operários e camponeses, para anarquistas e socialistas revolucionários de esquerda"**.

O Partido Comunista Russo viu nisto um atentado inadmissível ao seu monopólio no país e, escondendo cobardemente a imagem de carrasco atrás da máscara de revolucionário e de amigo dos trabalhadores, declarou contra-revolucionários os operários e marinheiros livres de Kronstadt e depois lançou contra eles dezenas de bufos e de escravos submissos: tchekistas, koursantis, membros do Partido... empenhados em massacrar estes honestos combatentes revolucionários, cujo único erro tinha sido de se indignarem diante da mentira e da cobardia do Partido Comunista Russo que espezinhava os direitos dos trabalhadores e da revolução.

A 7 de Março de 1921, às 18h45, um furacão de fogo de artilharia foi desencadeado contra Kronstadt. Era natural e inevitável que a Kronstadt revolucionária se defendesse. Foi o que fez, não apenas em nome das suas exigências, mas também dos outros trabalhadores do país que lutavam pelos seus direitos revolucionários, arbitrariamente esmagados pelo poder bolchevique.

A sua defesa teve repercussões em toda a Rússia amordaçada, disposta a secundar o seu combate justo e heróico, mas infelizmente impotente, pois então já estava desarmada, constantemente explorada e agrilhoada pelos destacamentos repressivos do Exército Vermelho e da Tcheka, especialmente formados para esmagar a livre vontade e espírito do país.

É difícil avaliar as baixas dos defensores de Kronstadt e da massa cega do Exército Vermelho, mas certamente foram mais de dez mil mortos. Na maior parte, operários e camponeses, aqueles de que o Partido da mentira se tinha mais servido durante anos, unicamente pelos seus interesses próprios de partido, para desenvolver e aperfeiçoar o domínio todo poderoso sobre a vida económica e política do país.

Kronstadt defendeu tudo o que havia de melhor na luta dos operários e camponeses na revolução russa contra a oligarquia bolchevique. Por isso, esta exterminou-os, uns imediatamente depois da sua vitória militar, os restantes nas fortalezas e prisões, herdadas da ordem czarista e burguesa. Dos que conseguiram alcançar a Finlândia, muitos ainda se encontram em campos de concentração.

Vista desta forma, a jornada do 7 de Março deve ser compreendida como um momento doloroso pelos trabalhadores de todos os países. Nesse dia, não apenas os trabalhadores russos, mas todos, devem recordar o episódio terrível

dos revolucionários de Kronstadt caídos na luta e os que ficaram apodrecendo nas masmorras bolcheviques. Mas não é com gemidos que se resolve a questão: além da comemoração do 7 de Março, os trabalhadores de todos os países devem organizar comícios por todo o lado para protestar contra as barbaridades cometidas em Kronstadt pelo Partido Comunista contra operários e marinheiros revolucionários e exigir a libertação dos sobreviventes padecendo nos cárceres bolcheviques e nos campos de concentração finlandeses.

Delo Truda, No.10, Março 1926, pp.3-4

Traduzida por Manuel Baptista

Já devia haver, portanto, nos fundamentos do leninismo, tão aclamado pelos comunistas e sustentado pelo Relatório Krushchev, os gérmenes do autoritarismo que levaria ao stalinismo: A Teoria do Partido como vanguarda iluminada da classe operária, a organização da luta política para a criação de uma situação revolucionária sobre a qual o Partido deveria prepara-se para o golpe fatal na conquista do Poder, a simplificação da transição ao socialismo através da Ditadura do Proletariado, a militarização do Partido, rigidamente controlado pelo princípio do centralismo democrático, extensiva ao conjunto da sociedade ao longo da luta pelo socialismo. Tudo isso transcende a Stalin e impõe a questão: Onde estavam os problemas que levaram ao Stalinismo e, finalmente, ao desaparecimento da URSS como Pátria do Socialismo?

Não se concebe língua humana na qual, qualquer que seja a forma gramatical da resposta, a pergunta não possa ser formulada: quem fez isso? Quem disse isso?

(C.Castoriadis, citado in o Estado do Sujeito, conferencia Paris 15 /maio de 1986. Publicada Encruzilhado do Labirinto 3, Paz e Terra)

Depois do Kronstadt viriam as mortes na luta pela sucessão de Lênin, igualmente sangrenta e que levaria Trotsky para o exílio. Simultaneamente, a campanha da coletivização das terras, acompanhada dos Grandes Expurgos da década de 30. Sob a aparência de um Estado Planificador, crescia o Estado do Terror sob a alegação da construção do socialismo.

Estado Planificador

<http://maltez.info/cosmopolis/Estados/urss.htm>

Depois daqueles *passos para trás* no sentido da caminhada para a colectivização, como pretendeu ser a frustrada NEP de Lenine, e que Estaline vai manter até 1928, aliás contra a opinião de Trotski, eis que, a colectivização vai passar a acto com o primeiro plano quinquenal do estalinismo, 1928-1932,

com o qual se visava *edificar o socialismo*. As principais medidas que dele constam são a instituição dos *kolkhozes*, as cooperativas de produção agrícola, e dos *sovkhozes*, as fábricas agrícolas do Estado, conforme tinham sido delineadas no XV Congresso do PCUS, de Dezembro de 1927, o mesmo congresso que confirmou a expulsão de Trotski e de Zinoviev dos quadros do partido. Foi também neste Congresso que, de acordo com um relatório apresentado por Molotov (1890-1986), que se decidiram aplicar medidas fiscais contra os *Kulaks*, desencadear a industrialização rápida e estabelecer o primeiro plano quinquenal. A partir de 1929, o chamado *ano da grande mudança*, o processo de colectivização assumiu um ritmo vertiginoso. Assim, se em Outubro desse ano apenas 4% das terras eram colectivamente exploradas, eis que a mancha da colectivização logo atinge 21% em Janeiro de 1930 e 58% em Março do mesmo ano para chegar aos 75% em 1934. O segundo plano quinquenal (1933-1937) já é mais moderado, incidindo especialmente sobre a indústria ligeira, a do têxtil e a do mobiliário, em vez da chamada *linha do metal*. Também em termos propagandísticos, em lugar do terror burocrático, a propaganda psicológica do *stakhanovismo*. Face à subida ao poder dos nazis, o estalinismo tenta também uma aproximação às democracias burguesas. Faz entrar a URSS na SDN e defende, para os comunistas estrangeiros, alianças com os socialistas, através de frentes populares. Em 1934 chegam mesmo a ser amnistiados numerosos kulaks e condenados políticos. Com efeito, Estaline, começando por aliar-se à *direita*, ao invocar o *socialismo num só país*, para eliminar a *esquerda* (o Trotskismo), trata, depois de invocar certas teses dessa mesma *esquerda*, como a planificação e a colectivização agrária, para esavaziar a *direita*. Logo, depois da desertificação, pode, assumir uma pose de *centrista* que, no fundo, significa, como observa Edgar Morin, *um infrabolchevismo onde o aparelho administrativo do partido arranca todos os poderes aos líderes políticos e onde, doravante, só o secretário-geral faz política*. O cúmulo desse *centrismo* vai acontecer com o XVII Congresso do PCUS iniciado a 26 de Janeiro de 1934, o chamado *congresso dos vencedores*, onde parece, de novo, congregar-se toda a família bolchevique, à excepção de Trotski

Um Estado Terrorista

<http://maltez.info/cosmopolis/Estados/urss.htm>

O misterioso assassinato do delfim de Estaline, Serguei Kirov (1886-1934), na tarde do dia 1 de Dezembro de 1934, e que logo é atribuído aos hitlerotrotskiztas, vem alterar de forma dramática a aparente acalmia. Não tarda também que surjam os célebres processos de Moscovo, marcados pelas fantásticas confissões espontâneas dos arguidos. O primeiro grande processo tem como réu Grigori Zinoviev (1883-1936) e desenrola-se de 19 a

24 de Agosto de 1936. Seguem-se, nessa primeira vaga de 1936, entre outros, Lev Kamenev (1883-1936) e Ivan Smirnov. O segundo grande processo decorre de 23 a 30 de Janeiro de 1937 e tem como principais acusados Yuri Piatakov, Karl Radek, Grigori Sokolnikov e Lionid Serebriakov. O terceiro processo, de 2 a 13 de Março de 1938 já abrange Nikolai Bukharine (1888-1938), Alexis Rykov (1881-1938) e Khristian Rakovski (1873-1941). O próprio Exército Vermelho não escapou à purga. Com efeito, a 12 de Junho de 1937 anunciava-se a descoberta de uma conspiração militar e que os seus autores tinham sido executados. Segundo o comunista Roy Medvedev, de 1936 a 1939, foram presas cerca de cinco milhões de pessoas, das quais teriam sido executadas entre 400.000 a 500.000. Nos termos do relatório Khrushchov, apresentado ao XX Congresso do PCUS, nessa vaga de repressões em massa e actos brutais de violação da legalidade soviética, entre os 139 titulares e suplentes do Comité Central do PCUS, eleitos em 1934, cerca de 70%, isto é, 98, foram presos e executados no período de 1937-1938. Também 1108 dos 1966 delegados ao mesmo Congresso foram presos sob a acusação de crimes contra-revolucionários. A vaga repressiva não se ficou apenas pelo partido e pelas forças armadas, dado que atingiu também o mundo universitário, científico e literário, bem como os próprios comunistas estrangeiros que se encontravam na URSS. Ironicamente, Estaline, le mangeur d'hommes, vem dizer, por ocasião do XVIII Congresso do PCUS, em Março de 1939: **a função da repressão no interior do país tornou-se supérflua e desapareceu, pois, uma vez que a exploração foi suprimida e os exploradores já não existem, não há mais ninguém a reprimir. Acrescenta mesmo: não se pode dizer que a depuração tenha sido feita sem defeitos graves. Infelizmente os erros foram mais numerosos do que poderíamos supor. Não há dúvida de que não teremos de empregar mais o método da depuração maciça.**

E sempre a mesma lógica: Só o Partido e seu Guia exprimiam o impulso da nação (V.Grossman pg – 426). Não se tratava, mais, apenas da Revolução mas da Rússia e seu destinamento, que conheceria tudo ao longo de sua História, sobretudo o pavor frente ao Estado autoritário e a desconfiança como técnica de sobrevivência, menos a criação de instituições que garantissem a liberdade e democracia. A Rússia, sob o Poder Soviético, saía realmente da barbárie medieval em que o Tzarismo a mantivera por séculos, mas não para o espaço público da palavra que consagrasse sua alma profunda e criativa, mas para o deletério mundo da distopia aterradora, que inspiraria, talvez, G.Orwell a

escrever “1984”, depois de contemplar, horrorizado, Stalin, Churchill e Truman, na celebração da vitória contra Hitler, dividindo o mundo:

Marx era como um físico que estabeleceria uma teoria de estruturação da matéria nas forças centrífugas e desdenhara as forças da gravitação universal. Determinara as forças que opunham as classes, observando-as melhor do que qualquer um ao longo da História da humanidade. Contudo, como frequentemente acontece com aqueles que fazem grandes descobertas, imaginara que as forças das lutas de classes que ele determinara decidiam sozinhas o desenvolvimento da sociedade e o rumo da História. Não percebera que a força poderosa da comunhão nacional acima das classes, e sua física social, construída sobre o desdém pela lei universal da gravitação nacional, era absurda.

(Vassili Grosman, Vida e Destino, pg. 399)

Além da repressão política sobre seus próprios quadros, fato denunciado no Relatório Krushchev, o estalinismo caracterizou-se, também, pelo abandono das diretrizes da Nova Política Econômica – NEP – e “superadas as deformações dos princípios leninistas da cooperação das economias camponesas” (Manual de Economia Política da URSS), estabelecidas ainda por Lênin, com vistas à reorganização do mercado e da economia, preferindo o modelo autoritário da coletivização das terras que levaria, como se dizia com naturalidade, à liquidação dos kulacks. Mais mortes: num montante incerto, mas que teria assassinado cerca de 20 milhões de camponeses.

A coletivização compacta e a liquidação, realizada na sua base, do campesinato rico, como classe, representaram uma profundíssima reviravolta revolucionária. Na resolução Sobre o Movimento Colcosiano e o Ascenso da Agricultura, o XVI Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1930) assinalou:

“Se a confiscação da terra dos latifundiários foi o primeiro passo da Revolução de Outubro no campo, já a passagem para os colcoses representa o segundo e, ao mesmo tempo, decisivo passo, que determina a etapa mais importante para a causa da construção dos fundamentos da sociedade socialista na URSS.”⁽¹³⁶⁾

Esta foi uma revolução, que liquidou as velhas relações de produção capitalistas e pequeno-burguesas no campo, as quais constituíam obstáculo para o desenvolvimento das forças produtivas, substituindo-as por relações de produção novas, socialistas.

Esta revolução solucionou uma série de tarefas radicais da construção socialista.

Em primeiro lugar, a revolução liquidou a mais numerosa classe exploradora no país, a classe dos camponeses ricos. A liquidação do campesinato rico como classe, na base da coletivização compacta, foi um passo decisivo para o aniquilamento das classes exploradoras. O problema “quem vencerá a quem?” foi resolvido não somente na cidade, mas também no campo, em favor do socialismo. Foram extinguidas, dentro do país, as últimas fontes de restauração do capitalismo.

Em segundo lugar, a revolução transferiu a mais numerosa classe trabalhadora do país — a classe dos camponeses — do caminho da economia individual, que engendra o capitalismo, para o caminho da economia social, colcosiana, socialista, solucionando, com isto, a mais difícil tarefa histórica da revolução socialista.

Em terceiro lugar, a revolução deu ao poder soviético uma base socialista no ramo da economia nacional mais extenso e vitalmente necessário, bem como mais atrasado, ou seja, na agricultura. A agricultura passou a se desenvolver numa base idêntica a da indústria — na base da propriedade social dos meios de produção. Foi resolvida, desta maneira, uma das mais profundas contradições do período de transição — a contradição entre a grande indústria socialista e a pequena economia camponesa individual —, fazendo-se desaparecer o terreno para a oposição entre a cidade e o campo.

A vitória do regime [colcosiano](#) foi alcançada numa luta decidida contra os [trotskistas](#) e [bukharinistas](#), que pugnavam contra a coletivização das economias camponesas.

A luta pelo poder interno à URSS e as tarefas sangrentas da construção do que era considerado o modelo ideal de socialismo estavam consolidados em 1956, quando do Relatório Krushchev. Seria de se esperar, então, tivesse a denúncia ido a fundo nos fundamentos do autoritarismo soviético, uma era de grande abertura e desenvolvimento não só econômico, mas institucional, com vistas à democratização do país. E que isso se espraiasse pelo mundo como, senão modelo, inspiração. Para tanto, seria necessário que o PCUS tivesse no seu seio um debate crítico profundo sobre o próprio marxismo-leninismo, como sobre a construção do socialismo. Isso, porém, era impossível. O PCUS já tinha se transformado numa monumental máquina burocrática, sob rígido controle central, autoritário, responsável pelo sistema de dominação que organizava o país inteiro. Diminuí, com efeito, o culto à personalidade dos

líderes de turno, em benefício da ampliação do sistema de tomada de decisões, mas os canais da ampla mobilização popular, supostamente presentes no modelo soviéticos já estavam e permaneceram emperrados. Amenizou, também a vigilância policesca sobre a população, mas longe de permitir a emergência e reorganização de livres manifestações de pensamento e expressão artística, científica e política. Nenhum avanço se verificaria na construção de um sistema institucional moderno de garantia de direitos e promoção da cultura. A Rússia, enfim, sob o sistema soviético, grande parte da criatividade que marcara sua exuberante literatura e iniciativa política até a Revolução. O realismo socialista se impôs como o que se considerava, burocraticamente, imperativo de classe. Apesar de tudo, o Império se mantinha, como um dos polos da Guerra Fria, embora perdendo, cada vez mais, sua influência sobre as correntes libertárias do resto do mundo. No mesmo ano de 1956 a intervenção armada da URSS sobre a Hungria evidenciaria o que os tanques sobre a Polônia e Tchecoslováquia arremetariam no final da década seguinte: O Poder Imperial da URSS não só contra o Imperialismo Capitalista, mas sobre o próprio desenvolvimento do socialismo no mundo.

Hoje, entretanto, ao se celebrar o 60º. Aniversário do Relatório Krushchev, os movimentos libertários trilham novas inspirações além do marxismo-leninismo e das Revoluções Socialistas do século XX. Elas estão presente na Teologia da Libertação na América Latina ,principalmente no Brasil, no *revival* de heróis e movimentos patrióticos ancestrais, tal como o chamado “bolivarismo”, estimulado pelo ex-Presidente Chaves, da Venezuela e pelas novas questões suscitadas pela valorização das populações indígenas, do negro, da mulher, dos LGBT e verdes em sua batalha pela sobrevivência do planeta. Seria difícil imaginar, nos anos 1930-80, jovens dispostos a morrer no Ártico em defesa das...baleias. Ou supor-se que médicos jovens estariam mais propensos a arriscar a vida em ONGs como Médicos Sem Fronteiras em perigosas regiões do centro do mundo, a lutar pela Pátria, pela Classe ou por uma Ideologia. Exceção a esta mudança de comportamento aos movimentos libertários e talvez até como consequência da falência do marxismo em manter sua influência sobre as aspirações populares, são os movimentos regressistas do *jihadismo* muçulmano, sobretudo dos que se reúnem sob o DAESH (Estado Islâmico), os quais exigiriam outra abordagem além dos propósitos deste artigo.

Aqui, deseja-se realçar a importância do Relatório Krushchev como um momento de reflexão sobre o devir histórico à crise que abala o mundo ocidental. Contrariamente à crise dos anos 30, as correntes progressistas já não têm um projeto claro de reconstrução do mundo. São fortes na crítica e débeis na proposição de alternativas. Àquela época, milhares de jovens do mundo inteiro afluíram à Espanha em defesa da República ameaçada pelas

falanges de Franco. Todos sonhavam com o socialismo, tendo na Revolução Bolchevique de 1917, senão na URSS, um modelo de emancipação, e no marxismo uma luz. Isso não ocorre mais. A própria falência dos Partidos Comunistas, senão seu desaparecimento, abriu caminho para novos Partidos de inspiração popular, tal como o PT no Brasil, o Movimento para o Socialismo do Presidente Evo Morales, o PODEMOS , na Espanha, o SYRISA na Grécia . a [Esquerda Republicana da Catalunha](#) (ERC), que luta pela separação desta região da Espanha, etc, todos refletindo não só uma Nova Era, com novos agentes sociais como protagonistas, como sugere Boaventura de Souza Santos, mas a própria insuficiência de uma Teoria Crítica abrangente, tal como a que cumpriu o marxismo por um século. A ideia de Partido Político, de Vanguarda ou de Massas, da Revolução com vistas a um novo modelo, ou de fórmulas para a reconstrução do mundo segundo novos parâmetros, mais condizentes, inclusive com o tripé já aceito mundialmente do desenvolvimento sustentável, desde a Eco-92 – Eficácia econômica, Justiça Social e Equilíbrio Ecológico, escapam da conjuntura. O mundo é cada vez mais perigoso, a economia e o poder cada vez mais concentrado no famoso 1% da população do globo, o desemprego e a miséria são gritantes, mas nada parece sensibilizar, realmente, a humanidade, que caminha envergonhada para uma crise sem precedentes.

Mais uma vez, a necessidade de se perguntar: O QUE FAZER?

Tarefa difícil de responder, mais ainda por quem, além das limitações pessoais, já está muito distante de qualquer ativismo, limitado por todos os lados. Ouso, contudo, chamar a atenção para a urgência de um debate franco e profundo, mais além da repetição de citações clássicas. Que venha um debate essencialmente crítico, do próprio marxismo ou das Teorias Críticas em geral, do marxismo-leninismo como resposta ao QUE FAZER e, sobretudo, sobre os erros da construção do socialismo na URSS e que a levaram, não só à extinção, mas a perda de vigor da própria utopia socialista. O ponto de partida, a meu juízo, deverá ser o retorno à ideia da moralidade como fonte do sentimento do bem, já proclamada por F. Jacobi, em 1789 e consagrada no século XX por vários Filósofos da Teoria Crítica, e atualização do porvir como desatualização do hoje. Não há atualidade sem atualização, desatualização e porvir. A atualidade

problematizada é uma “borda do tempo”, como dizia Foucault, que envolve nosso presente , que o domina e que o indica como alteridade. Este reconhecimento que é o da crítica, da problematização, desatualiza o presente, desatualiza o hoje, no movimento de uma interpelação. Urge essa interpelação. Impõe-se..

Este o desafio: movermo-nos além das alternativas e condicionantes internos e externos colocando-nos perigosamente na fronteira, “no ponto de uma transgressão possível”, o que não significa a adesão às formas mais violentas de luta e de voluntarismo irresponsável, convictos de que a eternidade é um possível contido no múltiplo do presente. Para tanto, mais do que reeditar o discurso do Partido Eleito, que leva ao isolamento, suicida, sobretudo em presença de Governos Populares, precisamos refundir a esquerda numa perspectiva democrática capaz de aglutinar amplos setores da sociedade identificados com as ideias de Povo e Nação. Isto é o que Boaventura de Souza Santos denomina Sociologia das Emergências.

Para isso, é preciso que as esquerdas saibam ter medo sem ter medo do medo. Saibam furtrar rebentos de esperança à trituração neoliberal e plantá-los em terrenos férteis onde cada vez mais cidadãos sintam que podem viver bem, protegidos, tanto do inferno do caos iminente, como do paraíso das sirenes do consumo obsessivo. Para que isto aconteça, a condição mínima é que as esquerdas permaneçam firmes nas duas lutas fundamentais, a Constituição e a hegemonia.

(Boaventura de Sousa Santos - A Esquerda do futuro: uma sociologia das emergências)

<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-Esquerda-do-futuro-uma-sociologia-das-emergencias-14/35257>

O risco maior da atual crise nacional e mundial nem é tanto o de saber O QUE FAZER, mas, principalmente d' O QUE NÃO FAZER e isto está inscrito nas experiências fracassadas das iniciativas populares ao longo do último século. Ou esquecemos que os comunistas alemães tiveram sua parcela de responsabilidade na liquidação da República de Weimar, em 1933? Ou que Salvador Allende estava certo em tudo, em 1973, no Chile, só não tinha compatibilizado seu discurso com a estratégia de tomada do poder. Perdeu a classe média...A esquerda tem um instinto natural de se confrontar à dominação diante da crise e de criar ilusões sobre o destino da História. Estigmatiza a prudência como indicador de falta de iniciativa. E esquece que a cautela não é ditada pelo mero medo ao enfrentamento, mas pela consciência de que ela deve ser evitada por uma concepção tática de ampliação social com vistas ao aprofundamento estratégico da democracia. Lamentavelmente, a longa formação num molde de organização para o enfrentamento e para o assalto ao Poder, na expectativa de situações revolucionárias, que dificilmente se repetirão, com vistas ao Socialismo, continuam estimulando a esquerda a acumular forças em si mesmo. Ora, nada garante que o capitalismo caminha inexoravelmente para o socialismo. Isso é puro discurso, que muitas vezes isola e imobiliza setores importantes das lutas populares. Antes de afirmar isso, deveríamos saber responder ao que Marx sempre se recusou a dizer: O que é o socialismo? Seria o que Stalin edificou na URSS? O que a China está a apresentar ao mundo? O que Cuba e Coréia, cada qual a seu modo, oferecem? Já não sabemos. Há poucas décadas não tínhamos a menor dúvida. Hoje, mourejamos na dúvida, salvo, claro, os setores iluminados pela ortodoxia que já têm tudo pronto na cabeça. Respondo que tenhamos, talvez, mais a ler mais os clássicos, sobre as exigências para o exercício da vida pública. Isso porque as tarefas que temos pela frente passam, antes pelo Estado do que pela Revolução, antes pela Democracia do que pelo Socialismo.

A tarefa é difícil. Há uma Paideia cristalizada no seio da esquerda. Mais difícil do que compreender o que fazer, como disse, é abandonar velhas concepções que orientaram gerações e gerações de combatentes revolucionários, ainda

que os levando à uma sucessão de derrotas. Mas vale o esforço. Perde-se, num deslize, um amor, um bonde, até um Governo, mas não se perderá, jamais, a esperança num mundo melhor...

Bibliografia consultada e citada

A COLETIVIZAÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA - Manual de Economia Política -

Academia de Ciências da URSS - <http://historiaeciajg.blogspot.com.br/2014/10/a-coletivizacao-da-uniao-sovietica.html>

AGGIO, Alberto – O Gramsci que “conhecemos” e o que ele inspirou - <http://gilvanmelo.blogspot.com.br/2015/12/alberto-aggioo-gramsci-que-conhecemos-e.html>

AZAMBUJA, I.S. – As denúncias sobre os crimes de Stalin (Referência ao “Beau Dimanche”, de autoria de Jorge Semprum – Ed. Nova Fronteira, 1980 <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=12323&cat=Ensaio>

BURGOS , Raúl - Gramsci y la izquierda en América Latina - Fonte: Especial para *Gramsci e o Brasil*. <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=980>

BUZZI, Arcângelo R. Introdução ao Pensar: O Ser, o Conhecimento, a Linguagem. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius - Encruzilhadas do Labirinto 1, 2 e 3, Paz e Terra.

CLAUDIM , Fernando – A Crise do Movimento Comunista – Ed.Global -baixar-livro-gratis.com/?p=228375

CONTI, Mario Sérgio - O Relatório Kruchev – FSP 09fev16.2016

COSTA, José André - Ética e Política em Levinas – Alteridade, responsabilidade e justiça – Ed. Fibe, Passo Fundo, 2015

COURTOIS, Stephanie (e outros) - Diretor de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS, Paris, FR, uma coletânea de denúncias em “ O Livro Negro do Comunismo” Bertrand Brasil, 1999. 924p., [32] p. de estampas: il. Tradução de: Lê livre noir du communisme ISBN 85-286-0732-1 - BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A.

COUTINHO, Carlos Nelson - A Democracia Como Valor Universal - <https://www.marxists.org/portugues/coutinho/1979/mes/democracia.htm>

DEUSTCHER, Isaac – Trilogia TROTSKY : (I) O profeta armado (1879-1921) 1968; (II) O Profeta Desarmado e (III) O Profeta Banido. – Ed.Civilização Brasileira - RIO DE JANEIRO

FALCÃO, Frederico José. UFRJ Doutorando do PPGESS/UFRJ O Relatório Secreto de Kruschew e o Partido Comunista do Brasil (PCB): desestalinização e crise. In: **XII Encontro Regional de História ANPUH, 2006, Niterói**. Usos do Passado ANPUH- Resumos e Programação. Niterói: UFF, 2006. <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Frederico%20Jose%20Falcão.pdf>

FERREIRA, Jorge. URSS: mito, utopia e história. **Tempo - Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 75-103, 1998.

FOUCAULT, M – Entrevistas – Arquivo pessoal

GRAMSCI, A. – Um Partido de Massas - L'Ordine Nuovo” - de 05 de outubro de 1921 – Publicado <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1921/09/25.htm>

GROSSMAN, Vassili – Vida e Destino – Ed. Alfaguara. 2015 Trad. Irineu Franco Perpetuo http://www.objetiva.com.br/livro_ficha.php?id=1486

JACOBI, Friedrich Heinrich - [Dicionário básico de filosofia](https://books.google.com.br/books?isbn=8571100950) <https://books.google.com.br/books?isbn=8571100950> - Hilton Japiassu - 1990 - Philosophy

[https://books.google.com.br/books?id=GpyLFGJJSpgC&pg=PA153&ipg=PA153&dq=\(Friedrich+Heinrich+Jacobi+%E2%80%93+1743+%E2%80%93+1819+-+Alemanha&source=bl&ots=VLY5zVx2u2&sig=Db0FaQVU_MV2sM6CATMY5HDYmdg&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi106KIwZLLAhXCf5AKHffbDOYQ6AEILzAE#v=onepage&q=\(Friedrich%20Heinrich%20Jacob i%20%E2%80%93%201743%20%E2%80%93%201819%20-%20Alemanha&f=false](https://books.google.com.br/books?id=GpyLFGJJSpgC&pg=PA153&ipg=PA153&dq=(Friedrich+Heinrich+Jacobi+%E2%80%93+1743+%E2%80%93+1819+-+Alemanha&source=bl&ots=VLY5zVx2u2&sig=Db0FaQVU_MV2sM6CATMY5HDYmdg&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi106KIwZLLAhXCf5AKHffbDOYQ6AEILzAE#v=onepage&q=(Friedrich%20Heinrich%20Jacob i%20%E2%80%93%201743%20%E2%80%93%201819%20-%20Alemanha&f=false)

KONDER, Leandro – Derrota da Dialética, Ed. Campus – RJ, 1988 -

KONDER, Leandro. *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, pp. 13-18

KHRUSHCHOV, Nikita. Relatório secreto do Comitê Central do Partido no XX Congresso do PCUS. Discurso 24-25 fevereiro de 1956 <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml>

MAIDANIK, Kiva. Depois de Outubro, e agora? Ou as três mortes da Revolução Russa. **Tempo - Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 9-43, 1998.

MARCUSE, Herbert - Marxismo soviético – Ed. Saga – RJ 1969

MARX, Karl - 1844, em Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Boitempo Ed –S.Paulo -
<http://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Marx,%20Karl/Critica%20da%20Filosofia%20do%20Direito%20de%20Hegel.pdf>

NOVA, Cristiane e Nóvoa, Jorge - Carlos Marighella
1999 - Brazil - <https://books.google.com.br/books?isbn=8571392625>

O Relatório Krushcher - wikipedia

PADURA, Leonardo, “ O Homem que Amava Cachorros”. Editora: **BOITEMPO** – 1ª. Ed. 2013

PAIM, Antonio – O relato de uma decepção política – Prefácio do livro O Retrato, de O.Peralva.
<http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/o-relato-de-uma-decepcao-politica/>

PEREIRA, Chrystian Wilson - **Batalhas de memória no pós-guerra soviético: A controvérsia stalinista no relatório secreto de Nikita Khrushchov** - <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=420>

PILLA VARES, Luiz Paulo - **O Relatório que Assombrou o Mundo** -
27/03/2006 - <http://www.pilla.vares.nom.br/2006/relatori.htm> -

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**,
Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRADO JR., Caio – A Revolução Brasileira e a Questão Agrária – Cia. Das
Letras, 1966

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções russas e o socialismo soviético**.
São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

REVOLUÇÕES – Projeto e Exposição - O Projeto Revoluções é uma realização
do Instituto de Tecnologia Social - ITS BRASIL, da Secretaria Nacional de
Direitos Humanos da Presidência da República, do SESC-SP e da Boitempo
Editorial. - <http://revolucoes.org.br/v1/seminario/emir-sader/anjo-torto>

SANTOS, Boaventura de Sousa **A Esquerda do futuro: uma sociologia das
emergências – Carta Maior – 03 janeiro 2016**

<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-Esquerda-do-futuro-uma-sociologia-das-emergencias-/4/35257>